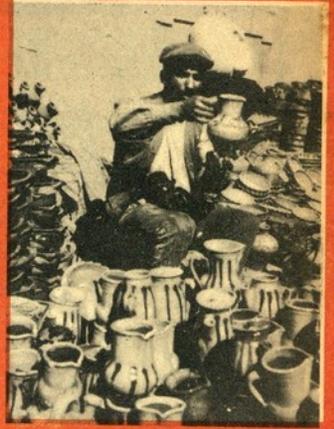


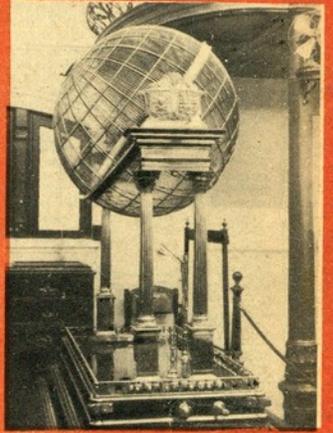
1944
10. NOV. 1993



NÊSTE NÚMERO



Evocação da Feira da Luz, festa tradicional do povo de Lisboa.
(Ler na página da «Capital»)



Um «récord» de sortes grandes ou a história, contada por eles próprios, de dois jogadores da lotaria a quem tem saído mais prémios.

(Ler reportagem na pág. 4)



Hortense Luz, artista de teatro, vai fazer cinema!

(Ler entrevista na página de «Teatro»).

VIDA MUNDIAL

ANO IV—N.º 175
21 DE SETEMBRO DE 1944
PREÇO AVULSO ESC. 1\$50

ILUSTRADA

SEMANARIO GRAFICO DE ACTUALIDADES

DA CAPITAL

Casamento por anúncio

Não é raro encontrar-se nos jornais, como um grito de felicidade, ridículos anúncios em que um homem, por doze e quinhentos, procura resolver o problema da instituição da família.

E, então, em seis linhas, junto da pomada para os calos e da 1.ª hipoteca em propriedade urbana lê-se laconicamente «que funcionário público deseja conhecer senhora prevenida para fins matrimoniais».

Não sabemos até que ponto este desabafo pode ser sincero. O jornal foi feito para tudo — que o seja agência de felicidade nada nos admira. Há muita gente que poderá dizer: «devo os meus dois filhos ao «Diário de Notícias», e «encontrei a minha mulher, em corpo normando, nas colunas da gazeta». A felicidade do homem está num encontro. A uma esquina, apressado, ele pode resvalar pela companhia dedicada da sua vida.

Antigamente havia o clássico namôro, dividido por três classes distintas: os tímidos e recatados que gastavam em olhadelas e sinais horas consecutivas; os que, em salta, faziam grosso desabafo durante um paleto amoroso da janela para a rua, quer chovesse ou fizesse vento; e, por fim, o namôro grave, em casa, numa saleta alegre, com a titi ensonada e as mãos cruzadas sobre o colo. O lisboeta nunca mais encontrou, de janelas escancaradas, um par que namore. Desapareceu do uso da sociedade. E por quê?

Pelo comodismo. Hoje, nem mesmo nesses recantos ermos da Lisboa velha, a rapariga assoma ao postigo para falar com o rapaz. Se é no Verão batem as portas, estiram os braços e fazem o gesto de ir embora, prazenteira e convidativa lá está a praia, onde se vão moer mais num dia que durante toda a semana na oficina.

Vem o inverno chuvoso e triste e, pronto, a coisa arranja-se: o cinema e o baile da sociedade recreativa servem para entreter as suas ansiedades amorosas. Aláds, êles nunca têm nada para dizer. A eloquência foi posta de banda. Hoje valem mais os factos: duas conversas, um beijo e o nó diante do altar.

Ora o homem que passa a mocidade e sente que a estúrdia e a boémia vão, aos poucos, consumindo-lhe a existência, um dia pensa: e se casasse? Sim, na verdade êste desabafo íntimo tem a sua razão de ser. Solteiro, dormindo mal na cama alheia, comendo o requentado jantar da pensão, as calças mal vincadas, sem um carinho e uma atenção pelas enxaquecas e aborrecimentos — êle decide-se estoicamente a procurar uma companhia. Olha o espelho e repara na calvície prematura, nos vincos aos cantos da boca, das costas teimosas a recurvar, e nos trinta e oito que a vida atribulada parece querer atirar aos sessenta... Já não tem coragem de olhar uma rapariga — sente-se evergonhado diante duma mulher. E que faz êle? Muita gente supõe que os anúncios de casamento são brincadelas. Não é assim, em parte. Muitas famílias constituídas devem-no ao «Diário de Notícias». E há até um pai e um filho que casaram do mesmo processo; apenas com a diferença que o rapaz casou em África, por intermédio do jornal, e no anúncio e nas franquias gastou à volta de trinta escudos — e o pai, noutra época, vida mais barata, nem três vinténs dispendeu, que a publicidade era de graça para a gente conhecida... Muitas vezes acontece que a noiva falsifica. Mandou um retrato favorecido, diz que é culta e tem prédios — que ainda não fez vinte anos e que está desesperada de viver com a madrastra, que a maltrata.

Lá nos confins da África, à porta da cubata, a um sol ardente que tudo abraça, o Elias, apaixonado, ao receber a carta sente um baque no coração — e fica comovido, com a lágrima e borbulhar. Escreve-lhe. Diz-lhe que anda desesperado com os montões de dinheiro que lhe atulham as arcas — e pede por tudo que venha, que êle vai mandar o dinheiro para as passagens. A correspondência prolonga-se — e um belo dia caem nos braços um do outro. Simplesmente — ela é sardenta, baixa e atarracada, sabe ler os letreiros dos carros e nunca deu nada em modista. Isso de cultura, dona de casa, prevenida — foram cantilanas da prima, que anda em letras e gosta de redigir cartas (ela dizê epistolares). E êle?

Baixote, figura meã de barril de cem litros — trabalha como um mouro. Vende aguardente, panos e bugangas. Dorme mal, que as febres não o largam — é vívido, mas só tem cinco filhos da segunda mulher, que os outros morreram ainda aninhos. E, com o anúncio a abençoá-los, a felicidade poisa sobre as cabeças de mais um casal que nunca se tinha unido se não fôsse esta precedente publicidade.

MANUEL MARTINHO

EVOCAÇÃO A FEIRA DA LUZ FESTA DO POVO

No grande terreiro, que o sol cobre de alegria, há mastros e balões para a festança, que o arraial é a folia onde o povo sabe bailar.

Barracas de lona, de scomes e bebes — louças de barro, púcaros e tachos, bilhas de gargalos estreitos que fazem a água fresquinha e leve — tudo a vender aos montes. Debalxo dum toldo há grandes melões que cheiram apetecíveis, e pipas de vinho, por canecas, que se bebe num fôlego. No coreto a música toca, e já alguns pares, no redemoinho da poelrada, dão largas ao seu entusiasmo.

Tudo quanto é do povo tem alegria e simplicidade. A blusa e a chita entrelaçam-se com a ganga e o miolo de triana, as mãos rudes e calosas dos que trabalham sabem, também, pegar com delicadeza na cintura estreita que vai bailar...

Bailar, sim, bailar! A Feira da Luz é a poesia que o povo compõe, de evocação à Virgem protectora e milagreira que nunca os abandona nos desalentos da vida! Há ranchos de famílias por debaixo de árvores velhinhas. Abrem-se os cabazes atestado, chélinhos. Vêm os pastéis de bacalhau, o pelixe frito — dorme-se uma soneca — e à tarde, com a brisa, a folia cresce. E preciso esquecer as amarguras. «Tristezas não pagam dívidas» — diz o aforismo — e o povo, sabedor dêsse ditado, consola-se nestas romarias. A Feira da Luz — a 8 de Setembro e dias seguintes — é das mais concorridas e de melhores tradições para o lisboeta. O sítio é lindo, agradável, com árvores frondosas. Chega-se lá numa carreira de eléctrico, ali a Carnide. De modo que, só se a chuva botar carranca ao dia, todo aquêle sítio se enche de forasteiros. Sabe bem folgar — e comer fora de casa, com ares lavados. A festa de evocação à Virgem é feita a 8, com solenidades brilhantes, missas e procissões, que vem gente de todas as bandas a fazer penitências e votos, já que a Virgem a tantos dá consólio e ouvidos.

No cruzeiro, ao lado do evangelho, lê-se esta inscrição: «A capela-moço dêste Mosteiro de Nossa Senhora da Luz e êste cruzeiro são de sepultura da Sereníssima Infanta Dona Maria que Deus tem, filha de El-rei D. Manuel e da Rainha Dona Lionor, sua mulher, na qual capela e cruzeiro se não dará sepultura a pessoa alguma de qualquer calidade que seja nem em tempo se fará num Depósito nem num literero por assim estar assentado por Sua



Majestade e por contrato solene e celebrado que se fez cõo o Padre Prior e Padres desta casa confirmado pelo Padre Dom Prior e mais Padres do seu Convento de Tomar cuja trelado está na Torre do Tombo e nesta Casa de Nossa Senhora. Fallesco a dez Outubro de 1577».

A Senhora da Luz teve sempre o fervor da gente do mar. Quando foi a campanha da arca «Fortuna», do comando de Dom Francisco de Sousa, em 1591, os marinheiros no meio de grandes vendavais, perdidos e sem rumo, imploraram à Virgem que os salvasse. O mar parecia querer tragá-los. Pois o milagre fez-se. Nossa Senhora da Luz, evocada pelos rudes marinheiros, trouxe-os com fé a Lisboa — e saíram salvos. Gratos à Virgem, fizeram uma grande subscrição, e entre esmolas recolheram cem mil réis — 1591 — que vieram, em solene procissão, oferecer à milagreira. Desde aí os votos têm sido continuos. Por isso, ainda hoje, a sua romaria e a sua festa têm grande esplendor. Há os que vão rezar — e aqueles que disso pouco caso fazem, mas que desejam, entre foguetes e entusiasmo, dar largas ao espírito folgazão. Arraial e feira — tradições que no povo se enraizou e nunca o há-de deixar.

E sabe bem ver a alegria que anda nos olhos daqueles que dançam na frecura dos grêgões, na cor e no entusiasmo da multidão, uns gritando, outros feitos cantores de trovas baratas — e todos, afinal, contentes e felizes, que o calor do vinho está a ferver no estômago.

As vezes, há «taponas». Engalfinham-se por dá cá aquela palha. E, então, garrafas e cabazes andam numa roda-viva. Mas a policia é previdente — e o pôsto médico não se fez para outra coisa. Com a cabeça atada, derreado, o braço ao peito, o lisboeta ainda poderá dizer, quando chega a casa:

— Fui à Feira da Luz! Aquilo é que foi gozar!

NO MUNDO DA PRAIA



(Fotos Seródio)



Um aspecto da posse do sr. tenente-coronel Santos Costa, ministro da Guerra do novo Governo. O sr. Presidente do Conselho lendo o seu discurso, verdadeiramente notável pelas afirmações nele feitas sobre a politica do governo e a posição do país perante a actual situação do mundo.



Um dos primetros actos do novo ministro das Obras Públicas, sr. engenheiro Canele de Azevedo, foi a sua visita ás obras do novo edificio do Hospital Escolar, em Velheiras, nos terrenos onde o falecido ministro Duarte Pacheco planeou construir a «Cidade Universitária».



Apresentou há dias ao sr. Presidente da República as credenciais que o acreditam junto do Governo português, o novo ministro do México em Lisboa, que se vê na foto, à esquerda, acompanhado do sr. dr. Henrique Viana, chefe do protocolo da Presidência.

Ideias velhas que parecem novas Modernidades que não-de envelhecer

Há quem não aceite os exemplos da história. Existem até determinadas pessoas que negam e consideram o passado coisa esquecida de que não poderão ressurgir ensinamentos — um sepulcro em que ficam para sempre perdidos acções e pensamentos do homem.

Tudo o que passou, mesmo que ainda hoje seja grato ao nosso entendimento, tem sempre feição de desprezível velharia. O mesmo, decerto, sucederá a modernidades que, decorridos anos, não-de volver detestáveis. Mas idéias e indivíduos não podem libertar-se da influência do meio e do tempo. Daí lhes provir certa particularidade superficial e transitiva.

Como a ausência ilusória de um grande mal é apenas a gradação dêsse mesmo mal, assim aquilo que os homens sonham e imaginam entendendo delicias paradisíacas, decorridos milênios, ressurge no pensamento presente.

Num museu de Londres está avaramente guardado um tejo encontrado num templo da antiga Babilónia. Eis um insignificante caso de origem milenária que nos sugere este descuidoso comentário.

Esse precioso tejo, precioso no dizer dos seus decifreadores, tem uma inscrição gravada de um himno neo-sumérico.

São assim alguns dos seus passos:

Quando acabará, ó minha senhora, o poderoso inimigo de arruinar [o país]?

Em todas as tuas terras há incêndios que as cobrem de fumo.

Ó minha senhora, como eu estou acorrentado à desdita!

Eu, teu servo, inclino-me diante de ti.

Possa tranquilizar-se o teu coração e sossegar o teu espírito.

Imagine o leitor o quadro que hoje se desenha naquelas longínquas paragens da terra, e ver-se-á forçado a compará-lo e a achá-lo semelhante ao drama que, muitos séculos atrás, um poeta de coração alanceado nos descreveu. E se o leitor for dado a cuidados literários encontrará, certamente, alguma modernidade na feitura poética da produção. A expressão formal dos versos, sem obediência a preceitos ditos asfixiantes de regras imutáveis, não se aproximará muito da maneira usada por vários poetas contemporâneos? Não reflecte, também, êsse espírito lamentoso e dolorido, qualquer coisa parecida com os cantos heróico-amorosos dos esquecidos vates românticos? E através da angústia contida nas estrofes não poderá encontrar o mesmo pensamento que gera a tragédia, a ansiedade e o desespero que desvalram os homens, oprimidos pela visão hemfília da guerra, ao mesmo tempo que os faz vislumbrar, num sonho interrogativo, indefinidas sendas do futuro?

Por mais que queiramos não nos podemos libertar completamente de sombras avitas.

Os guerreiros de hoje têm missão igual à dos antigos ferrabrases. E os poetas, os eternos clismáticos, como, tantas vezes, são pejorativamente designados os versejadores, são os descendentes daqueles escribas que se serviam de um estilete e de um tejo para eternizar as suas lamentações.

Os actuals cantores, porém, apenas nos parecerão mais modernos por se servirem de estilográfica e papel velino — que não de um tejo e estilete — para cantar suas desditas aos presentes e aos vindouros.

AUGUSTO RICARDDO

UM REPORTAGEM POR SEMANA

BOX PARA AMADORES

Há gente por todos os lados. Ao meu lado, dois sujeitos discutem, com o jornal na mão, o avanço dos Aliados — e a falta de gasolina.

— Esta fila onde estou custou, no contractador, quarenta escudos. Dizem que a sessão é boa. Há quatro combates, de oito rounds.

O «ring» está lá em baixo, com as cordas à volta. Um rapaz em mangas de camisa entrou no diminuto espaço e foi colocar, aos cantos, dois bancos. Da geral assobiam que está na hora. Daí a pouco levantou-se um rapaz magrinho que estava à minha frente, depois outro — e logo cinquenta, cem pessoas se levantaram e olharam na mesma direcção.

— Dá-lhe, dá-lhe!

— Tom!

Percebi. Afinal, o «box» não era no «ring» — era nas bancadas.

Nisto, o polícia, com o cacete, repuxou três vezes ao ar.

O combate terminou. Ouvi dizer que o «K.O.» não tinha sido justo. Também se quiserem protestar vão ao Governo Civil.

O polícia ainda apareceu, rapidamente, um golpe baixo — e foi então que atirou alto, à cabeça. Os dois sujeitos, meus vizinhos, continuam a discutir o avanço — e a falta de petróleo. Não há um lugar vago. O rapaz dos gelados, aborrecido, a um canto, não apregou — vendeu tudo num instante. Nisto, um senhor fala pelo microfone: o pugilista não sei quem Maldonado — já alguém ouviu um nome de «boxeur» assim? — dos leves, com o terrível espanhol qualquer coisa em «Calé ou Rié, ou Tété. Logo os nomes se confundiram. Eu já vi «box» na América, em Londres, em França, na própria Espanha. Os «boxeurs» quando são Sousas, Antónios, Crispins, Zacarias, adoptam uns nomes de guerra. Ninguém acreditaria que a Dona Maria Rosa da Silva val dançar, agora, o Mercado Persa — mas se a Maria Rosa for esperta e disser que é Marz ou Elisabeth, a sua arte, se a tiver, ganha em beleza plástica o que ganhou logo em beleza sonora. Sim, não exageremos. Santa Camarão foi popular. Se se chamasse António de Menezes ou Joaquim Elias ninguém o fixaria tão depressa. Mas vamos:

O combate começou: o árbitro apanhou um sóco em chelo que o ia fazendo engolir o apito. O espanhol, magrinho e delgado, tem musculatura de nervoso. Sóca com desepéro, encarrujadamente — o portu-

guês, de pele branca, anda hesitante. Por duas vezes o português se esquivava a um bom directo — carregando bem com a esquerda. Nisto, a técnica do português, muito melhor, pelo que vi, é forçadamente interrompida com um sóco baixo. Protestos do público. Da geral caem assobios. Os meus vizinhos do lado continuam a discutir o avanço — e a falta de batatas. Dois rapaziños, anémicos e derreados, dando gritinhos, aos pulos, querem que o espanhol seja desclassificado.

— Afina-lhe! Amachuca-o! Derrete-o!

Olho para trás. São três «boxeurs» de alfaiate — com os ombros largos dos enchumagos. Parecem nervosos. Apetece-lhes capilé para acalmarem. Vem água e limão.

Com a esponja a escorrer, regressam os «boxeurs».

Toca o agong. Eles voltam, felizes. O português martela bem. «Cis directos rápidos fazem o espanhol encostar-se às cordas, atordoadas. As luvás esgrimem ligeiras. Não sei como foi, porque uma senhora de trás estava a insultar um sujeito que já lhe tinha queimado a saia com a brasa do charuto — e ela, à viva força, queria que lhe pagassem o vestido — o espanhol caiu no chão.

— Um... dois... três!

A assistência tinha com certo aquê «K.O.» e batia palmas entusiastamente ao vencedor. Mas nisto, o espanhol levantou-se — e como se aquê descanso lhe tivesse dado alma nova, começou a socar com tal violência que, desta vez, foi o adversário que caiu para não mais se levantar.

Protestou o público. Assobios. Houve sócos baixos.

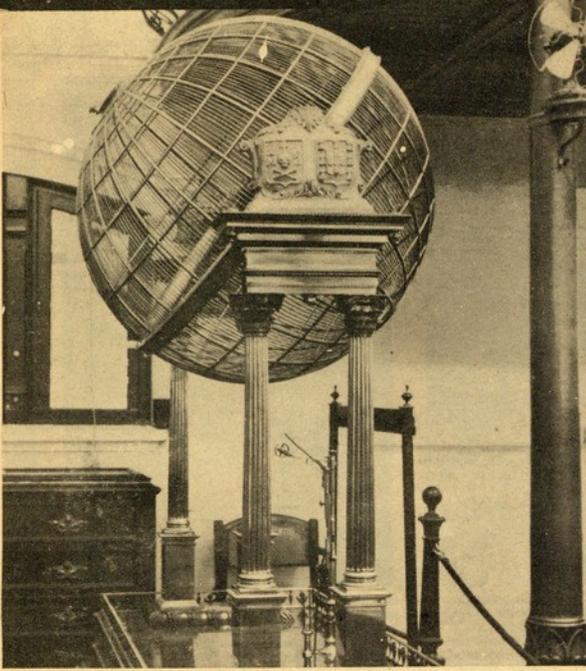
Os dois sujeitos, ao meu lado, distraídos, conversavam agora no preço das casas. E como eu estivesse a olhar para eles — um, com delicadeza, perguntou-me:

— O senhor, se é de Lisboa, sabe dizer-me onde se pode comer em conta?

Lembrei-me logo da Cozinha Económica. E, depois, conversa puxa conversa, vim a saber que eram da provincia, que estavam uma temporada em Lisboa, que tinham filhos, etc.

E conversámos tanto que não demos que o espectáculo, tão vivamente interessante, tenha acabado.

Cá fora, no grande caudal humano que procurava sair, dois respeitáveis cavalheiros discutiam os sócos baixos — e, sem querer, apanhei risadamente uma cotovelada no estômago.



A esfera metálica, dentro da qual giram as pequenas esferas numeradas

E' costume dizer-se que a sorte grande só sai aos outros.

Com efeito, assim é para aqueles que nunca foram contemplados com ela. Há muitas pessoas, porém, que já não dizem o mesmo. Basta saber que a lotaria da Santa Casa da Misericórdia, com mais de 80 anos de existência, com raras exceções em que o primeiro prémio deve ter ficado na casa, pode calcular-se que tem beneficiado centenas de milhares de pessoas.

No entanto, quantas terão fruído a ventura, ou para melhor dizer, a sensação de apanhar duas taludas ou mais?

Há muitos casos conhecidos do público que joga, alguns dos quais têm causado sensação pela sua singularidade.

Certo indivíduo endinheirado comprou há anos um bilhete para a lotaria de Santo António, e em tão boa hora que apanhou o primeiro prémio.

Não contente ainda com essa chuva de notas de conto, que a cornucópia da fortuna lhe havia despejado nas algibeiras, habilitou-se para a lotaria Há pouco tempo, uma visita a

seguinte, lembrando-se talvez daquela sentença popular, segundo a qual *não há uma sem duas*. Efectivamente não errou o palpite, e apanhou mais quatrocentos mil escudos. O caso foi falado, e tanto barulho se fez à volta disso que o felizardo teve que desaparecer da circulação, não por inflação monetária, mas para fugir aos centos de pedidos e de cartas que lhe surgiam de todos os lados.

Tempos depois, um empregado de uma grande companhia de transportes, que jogava todas as lotarias com quatro vigésimos de certo número, dois dos quais repartia com pessoas amigas, apanhou a taluda. Houve festa rija, com um passeio de circunvalação num «reservado» da Carris. Passado o natural contentamento, consideraram que a sorte é fugaz e entenderam não jogar mais. Um pouco contrariado, o «sócio capitalista» na semana seguinte viu-se constringido a ficar com os quatro vigésimos. Mas como a sorte era dele, e não dos outros, o primeiro prémio coube novamente ao mesmo número.

Quantos casos não se terão dado a demonstrar o capricho da fortuna?

Há anos, numa cidade alentejana, passou-se um episódio quasi inimaginável, que contradiz a tal sentença popular de que a taluda só sai a quem joga. Certo indivíduo, que nunca jogara em dias da sua vida, que detestava completamente todos os jogos, mesmo os mais inocentes, foi contemplado com o primeiro prémio num bilhete inteiro, encontrado com vários papéis na algibeira de seu pai, que falecera havia pouco tempo.

Dos que jogam, de todos aqueles que tentam a sorte e levam toda a semana a sonhar acordados, formando planos, não há nenhum que não conte o «seu» caso e não haja sofrido desilusões.

Não obstante, vão-se habituando sempre, na esperança de que um dia a fortuna lhes sorria.

O certo é que, à excepção do alentejano, a «taluda» só vai parar às mãos de quem joga.

— A questão é saber procurá-la e jogar com fé — dizia-me há anos um jogador impenitente.

Tão peremptória afirmação deixou-me nesse momento algo perplexo. Apesar disso, não formulei qualquer observação, por conhecer os motivos que o levaram a falar assim. E que esse homem apanhara já, nada menos do que 19 prémios grandes da lotaria, entre primeiros, segundos e terceiros.

O sr. António Gonçalves Tomás, que conta agora 75 anos, e que durante 24 anos trabalhou como operário soldador em fábricas de conservas em Setúbal, gostou sempre de jogar.

Mais do que vício, sentia com isso um constante prazer. Ao sábado, quando recebia a féria, dispunha sempre parte dela para o jogo.

UM "RECORD" DE SORTES GRANDES

OS DOIS JOGADORES DA LOTARIA CONTEMPLADOS COM MAIS PREMIOS

Setúbal proporcionou-me um encontro com ele, e a conversa incidiu naturalmente sobre o caso, tanto mais que há três anos fez-se certo barulho a propósito da sua sorte.

— Quando lhe saiu a primeira «taluda»?

— Foi em 8 de Abril de 1916. Entre vários números vi o 6116, que me atraía a atenção, não só por ser «apicua», mas também pela terminação. E não me enganei. Apanhei a «taluda»...

— De então para cá nunca mais deixou de habilitar-se, não foi assim?

— Perdão. Nunca mais deixei de escolher os números. E que nunca apanhei prémios por acaso. Eu escolhia sempre os números com uma fé extraordinária...

— E lembra-se de todos?

— Não, senhor. Mas se quere posso dizer-lhos.

O sr. Tomás levanta-se e vai buscar um livro de apontamentos, que folheia na minha frente.

— Aquil está. Em 8 de Abril de 1916, o n.º 6116; em 21 de Julho de 1921, o 6722; em 27 de Janeiro de 1923, o 922; em 6 de Novembro de 1924, o 4572; em 31 de Setembro de 1925, o 4285; em 12 de Setembro de 1936, o 5119; em 1 de Outubro de 1938, o 2570; em Junho de 1941, pelo Santo António, o 5225; em 11 de Agosto último, novamente no 2570. Apanhei também alguns segundos e terceiros prémios no 4119, 486, 2015, 512, 4207, 4279, 4221 e 6822, sem falar em muitos outros prémios pequenos.

— A que obedecia a sua escolha?

— Unicamente à fé que eu tinha nesse momento, embora algumas vezes fôsse pela combinação dos algarismos.

— Qual foi a «taluda» que lhe produziu mais emoção?

— E mais dores de cabeça, pode dizer. Foi a de Santo António de 1941. Não calcula. Até os jornais mais importantes de Lisboa e Porto falaram nisso, pela raridade do caso, pois até aí eu já tinha apanhado 19 prémios grandes. Pois isso foi o bastante para me calarem de vários pontos do país, duas centenas de cartas. Eram propostas de negócios chorudos, pedidos de toda a ordem, de hospitais e de cadeias, de pessoas que me pediam o segredo de como eu acertava com os números — eu, sei lá!... Calcule que quantas meninas de Coimbra me solicitavam um «pequeno» auxílio para poderem ir nesse ano para as águas! Houve também uns presos de uma cadeia da província que me enviaram o meu retrato, feito a «crayon», copiado dos jornais...

— Quantos prémios apanhou, então?

— Vinte e dois. Oito primeiros, nove segundos e cinco terceiros.

A sua resposta aguça-me a curiosidade. Sabendo que algumas vezes apanhara dezenas de contos, não era difícil calcular que todos aqueles prémios haviam de totalizar uma apreciável quantia. E aventurei nova pergunta:

— Nesse caso devia ter apanhado ao todo umas boas dezenas de contos...

O sr. Tomás hesita um pouco, cofia o bigode, e responde:

— O suficiente para viver e mais nada. De resto, «bens de sacristão»... E depois, como sabe, a vida como está leva-nos tudo.

E a conversa muda de rumo, perdendo o interesse do motivo principal.

* * *

O sr. Gonçalves Tomás tem um amigo que parece ter querido bater-lhe o «récord»... Mas não o conseguiu.

É o construtor civil António Costa, também de Setúbal.

A este saíram-lhe apenas... doze prémios grandes, sem falar em muitos outros de pequena importância.

Embora em menor quantidade, não se pode dizer que não tivesse um «bocado» de sorte, como é me afirmou não há muito tempo.

Como pretendesse saber se os números com que jogava eram comprados casualmente, respondeu-me:

— Muito poucos. Os restantes, sim, foram escolhidos. Uma vez pela combinação dos algarismos, outras pela soma e outras ainda por motivos de ocasião. No entanto, há três

(Continua na pág. 23)



António Gonçalves Tomás, que já foi contemplado com 22 prémios grandes da lotaria.



António Costa, que «apenas» apanhou doze prémios.



A fachada da Santa Casa da Misericórdia, na qual se vê o «placard» anuetaador das «taludas».

“Quando voltar a paz...”

QUANDO voltar a paz... Esta frase aparece, de há certo tempo para cá, em toda a publicidade americana como uma promessa de redenção e felicidade, traduzida na fartura e excelência dos flocos de aveia ou nas maravilhas da televisão.

Quando voltar a paz — o mundo será feliz! Terá com abundância aquilo que hoje não possui, por virtude das exigências impostas pelas operações militares. A indústria, posta à prova na mais indústrias, atitudes as guerras, deixará de fabricar «jeeps», canhões ou barcaças de invasão, para se dedicar com afã ao conforto da humanidade, pondo à altura das suas posses aquilo que poderá contribuir para lhe dar um pouco de alegria e de bem-estar — desde o automóvel utilitário até o frigorífico económico, dos aparelhos de televisão até às mais engenhosas máquinas de fazer a barba em menos de três minutos...

«Quando voltar a paz...»
Também o cinema começa agora a utilizar o «slogans». E é o venerável J. M. Knaut, chefe de vendas de uma grande firma construtora de aparelhagens de projecção, que faz a profecia: «Quando a guerra acabar, será possível construir aparelhos baratos e de alta qualidade». Os espectadores dados na frente, em precárias circunstâncias, tiveram o mérito de forçar os engenheiros a buscar soluções, tendentes a simplificar as instalações, sem prejuízo do perfeito rendimento quer da projecção, quer da reprodução do som. O mundo pode esperar da indústria americana — diz o sr. Knaut — os melhores aparelhos aos mais baixos preços.

Alegrem-se os cinemas da Província, cujas aparelhagens de um modo geral carecem de ser renovadas.

Pela nossa parte, interessava-nos conhecer, de preferência, os planos da indústria de cinema para «quando a guerra acabar». Porque o cinema, se quiser, poderá ser o melhor dos agentes ao serviço da Paz e do entendimento dos povos. Enquanto não sabemos o que serão os filmes, fizemos esta promessa do sr. Knaut: vamos ter aparelhagens de projecção boas e baratas.

E este facto, só por si, resolve, em grande parte, alguns dos mais cruciantes aspectos do espectáculo cinematográfico.

Mas o cinema, «quando a guerra acabar», há-de ter forçosamente mais alguma coisa que dizer, além da promessa agora vinda a lume de que vamos ter melhores aparelhagens...

FERNANDO FRAGOSO

Os prémios da Academia através dos tempos

A Academia Americana de Artes e Ciências Cinematográficas, vem atribuindo, desde 1928, os seus prémios anuais aos melhores do ano — filmes, artistas, realizadores, etc.

Uma revista americana publica a lista no que se refere apenas a filmes e artistas premiados. El-la:

1928 — «Asas» — Janet Gaynor e Emil Jannings

1929 — «Broadway Melody» — Mary Pickford e Warner Baxter.

1930 — «Nada de novo na frente Ocidental» — Norma Shearer e George Arliss.

1931 — «Cimarrons» — Marie Dressler e Lionel Barrymore.

1932 — «Grande Hotel» — Helen Hayes e Frederick March.

1933 — «Cavalgada» — Charles Laughton e Katharine Hepburn.

1934 — «Uma Noite Aconteceu» — Clark Gable e Claudette Colbert.

1935 — «Revolta na Bounty» — Betty Davis e Victor Mac Laglen.

1936 — «O Grande Ziegfeld» — Luise Rainer e Paul Muni. Gale Son-

dergsard e Walter Brennan. (Neste ano foi criado o prémio para os melhores actores secundários, atribuído aos dois artistas que aparecem mencionados em último lugar.

1937 — «Zola» — Luise Rainer e Spencer Tracy; Alice Brady e Joseph Schildkraut.

1938 — «Não os levados contigo» — Betty Davis e Spencer Tracy; Fay Bainter e Walter Brennan.

1939 — «E tudo o vento levou» — Vivien Leigh e Robert Donat; Hattie Mac Daniell e Thomas Mitchell.

1940 — «Rebecca» — Ginger Rogers e James Stewart; Walter Brennan e Jane Darwell.

1941 — «O vale era verde» — Joan Fontaine e Gary Cooper; Donald Crisp e Mary Astor.

1942 — «A família Miniver» — Greer Garson e James Cagney; Van Heflin e Teresa Wright.

1943 — «Casablanca» — Jennifer Jones e Paul Lukas; Katina Paxinou e Charles Coburn.

E curioso notar que Greta Garbo e Charlie Chaplin — para citar dois artistas de excepcional envergadura, intimamente ligados à história e progresso do cinema — Chaplin e Garbo, dizíamos, nunca foram galardoados pela Academia Americana.

Maria Sidónio ARTISTA DE CINEMA!

Maria Sidónio vai fazer cinema. O realizador Santos Mendes acaba de convidá-la para interpretar o samba no seu filme «A Noiva do Brasil».



Chama-se Rosemary La Planche. Em 1914 ganhou, em Atlante City, o título de «Miss América». Agora veio para o cinema. Em Hollywood consideram-na «a rapariga ideal». E enquanto não conquista a celebridade, vamos-nos contentando com estas fotografias.

CONCHITA CINTRON vai para um convento?

SOB o título de «La Cintron en el Convento», a revista novayorquina «Cine-Mundial», na sua edição para as Repúblicas sul-americanas, escreve, pela pena de Nita P. Morayta:

«Agora é verdade. Conchita Cintron vai ingressar num convento. A primeira notícia apareceu sob a forma de um telegrama, que todos os jornais publicaram. Agora, é «El Comercio», um diário de Lima, que a confirma sob a responsabilidade de um dos seus cronistas.

«Não há muito tempo ainda que Curtis Vinson, nas colunas do «Collier's», nos falou da precocidade da Cintron, com 22 anos de idade e 165 corridas, na Europa e na América.

«Mas isto era em 1942. Depois vieram mais duas temporadas, em que a Cintron tomou parte em mais de 100 corridas».

A jornalista faz seguidamente várias considerações sobre as mulheres-toureiras. E escreve:

«Tive o gosto de conhecer Conchita Cintron há uns anos — creio que em 1935 — em Lisboa.

«Eu estava, então, hospedada num hotel muito clássico, o Francfort,

onde costumam instalar-se as celebridades do palco e da tela. A senhorita Cintron, muito linda, muito elegante e muito feminina, foi hospedar-se ali em companhia de sua mãe, uma distinta senhora chilena que me dispensou, durante aqueles dias, uma amizade que muito me honrou.

«Conchita estava contratada para actuar na alegre Praça do Campo Pequeno. Como «manager», encontrava-se a seu lado o cavaleiro Ruy da Câmara, professor de Conchita, e que o público de Nova-York conhece desde que o viu trabalhar nalgumas temporadas do Circo Madison.

«Confidencialmente, sua mãe falou-me do que supunha ser um devaneio passageiro.

«Como é que sua filha se apaixonou pelo toureiro a cavalo? — perguntelhe.

«Muito simplesmente: D. Ruy da Câmara esteve em Lisboa a tourear. Em seguida, abriu uma escola de equitação, que passou a ser frequentada por muitas senhoras da alta sociedade peruana. Conchita depressa revelou uma habilidade invulgar para a lide. A mim tudo me parecia bem, desde que a distraísse.

(Continua na pág. 23)



Conchita Cintron na película americana «Maravilha do Touro». A seu lado, o famoso «diestro» Pepe Ortiz.

OUTONO

Entrámos agora, oficialmente, no Outono. Principiam a cair as folhas. Emudecem as cigarras. Uma ligeira aza de frio palpita no ar. As

praia e os campos começam a despovoar-se do seu mundo citadino. No Chiado surgem as primeiras elegâncias outonais. Animam-se as livrarias. Abrem-se os vientos de paraitre. E enquanto os espiritos virgilianos saúdam a mais linda estação do ano em Portugal—Madame X, sentada defronte dum espelho no seu «boudoir» côr-de-rosa, murmura tristemente, vendo entre o seu cabelo loiro o fio de neve dum cabelo branco:

—Chegou o Outono. Deus me valha!

VOGAIS

Já tínhamos no cinema, a Milú; já tínhamos na música o Milú; segundo nos informam vamos ter na Rádio a Milú; no teatro a Milú;

e no circo o Milú. Fantástico o poder das letras! Consoante uma simples vogal que se altera—assim se vislumbra uma nova estrela no pannonora celeste...

MAGROS

Eça de Queiroz, Ramalho Ortigão e o conde de Ficalho foram uma tarde a casa do conde de Arnoso.

Vicente Arnoso tinha, então, poucos meses. Os visitantes mostraram desejos de ver o petiz. Logo o conde de Arnoso os conduziu, e quando entraram no quarto do pequeno estava precisamente a mãe a dar-lhe banho. Demoraram-se uns instantes, e, à saída, repararam que Eça de Queiroz os não tinha acompanhado.

—O José Maria ficou encachado na tina... — disse um d'elles.

Arnoso voltou atrás e viu o romancista debruçado sobre a banheira, em fervorosa contemplação.

—Ainda estás aí?...

—Estou! E deslumbrado com o teu filho—respondeu Eça.—Até que enfim encontrei alguém mais magro do que eu!

SOVERAL

O marquês de Soveral, que occupou ideal alto lugar na diplomacia, não apenas portugueza, mas europeia, era o que, em bom rigor britânico, se poderá chamar um «gentleman». Com a sua sobrecasaca impiedável, o seu monoculo reluzente, a sua eterna flor ao peito, este homem, que foi amigo íntimo de Eduardo VII, deixou por toda a parte por onde passou um rasto de elegância e de perfume. Um dia, em Londres, num baile da corte, uma jovem e formosa aristocrata britânica perguntou-lhe:

—Qual lhe parece, marquês, a profissão mais nobre para o homem? Imediatamente Soveral, com a maior galantaria:

—A de amar!



José Ribeiro dos Santos

Um dia, há anos, um moço jornalista segurando na mão direita um volume, gritou sobre o público:

—Fogo!

E desfechou um livro. O livro era de notas impressionistas; «Fogo!» era o seu nome de guerra; e o jornalista que desfechava literariamente sobre o público—era José Ribeiro dos Santos. A vida está cheia de paradoxos. Não conheço, entretanto, paradoxo maior do que o deste rapaz tão simples, tão calmo, tão fino, tão «bon enfant», que entra, feroz, aguerrido, pela literatura, gritando, disparando:

—Fogo! Fogo!

* * *

Estamos a ver agora mesmo José Ribeiro dos Santos, sentado à sua mesa de sub-chefe de redacção do «Diário de Lisboa», corar de pudor, ao ler a história retro. Afinal, pensando bem, todos nós temos, mais ou menos, um «fogo» na mocidade. Depois passa... Hoje Ribeiro dos Santos é um dos nossos mais cultos profissionais do jornalismo; doutrina sobre política internacional como se sopsasse o charuto de Churchill; escreve corpulentos volumes de História (veja-se as suas «Memórias dos Outros»); e, como se tudo isto fôsse pouco, dedica-se ao teatro, faz críticas do palco—e, sob um panamá equatorial ou sob um guarda-chuva polar, passa a vida de Lisboa para Cascais e de Cascais para Lisboa... Porque este amigo realiza o prodígio de viver ao pé da Avenida de Berne, em plena cidade... e de morar, junto da Bóca do Inferno, ao ocidente da Europa...

Cave, rés-do-chão e primeiro andar

UMA manhã destas entraram-me alegremente pela porta dentro Os vizinhos do rés-do-chão. Não eram os meus, porque na casa onde moro, como burguês que sou, quem mora no rés-do-chão sou eu: eram os «Vizinhos» de Fernando Santos e de Almeida Amaral, que eu já conhecia do Teatro Variedades, onde se exibiram, com notável êxito, o ano passado e que agora me surgiram—em volume. Há quem deteste as chamadas visitas de cerimónia; mas estas visitas risonhas, familiares, comunicativas, não podem deixar de dispor bem toda a gente. Chegam a constituir mesmo, na hora tacturnamente hepática que atravessamos, uma cura de figado.

Recordam-se da comédia? Um prédio composto de cave, rés-do-chão e primeiro andar é habitado por três famílias: a família da cave é uma família de operários; a família do rés-do-chão, uma família de baixa burguezia; a família do primeiro andar, uma família que bionasa de aristocrata. Cada uma daquelas famílias representa uma classe. Aquellas

três classes, que se olham de soslaio, constituem, socialmente, uma imagem do mundo. Sucede, porém, que um filho dos burguezes gosta duma filha dos operários e um filho dos aristocratas gosta duma filha dos burguezes; acabam todos por casar; as três classes dão-se as mãos—e todo o prédio mergulha em felicidade. Eis a peça. Pois bem. Aquello que se viu no palco, como agradável teatro, pode ler-se agora recostado num «maple»—como quem lê um romance sugestivo. Quem o fizer não perderá o seu tempo. E agora uma sugestão: se o mundo é, afinal, um grande prédio, com aristocratas, burguezes e operários, que nem sempre se entendem—não vejo agora ninguém mais indicado do que Fernando Santos e Almeida Amaral para estabelecer as bases pacíficas em que há-de assentar o mundo depois da guerra. Sim, porque ao pé do 3.º acto destes Vizinhos do rés-do-chão, a Carta do Atlântico para a bementurança universal—é uma pura ingenuidade...

FADIGA INTELECTUAL



Dizem-nos que um dos nossos romancistas entregou, há pouco, o manuscrito da sua última obra a Pedro de Andrade, que é um dos proprietários da Livraria Portugal.

—Deu-me imenso trabalho—disse o escritor.—Confesso que estou esgotado...

Pedro de Andrade teria respondido, sorrindo:

—Oxalá o mesmo aconteça à edição...

DE CONFISSÃO

O dr. Santos Farinha, sacerdote inteligente e culto que durante muitos anos foi pároco na freguesia de Santa Isabel, dizia, uma vez, a

respeito duma sua parouquiana cuja má-língua era proverbial:

—Confessa-se todas as semanas para ter ocasião de dizer mal dela própria!

PAISAGENS

Araldo Ressano Garcia, presidente da Sociedade Nacional de Belas Artes, não transige com os modernistas. Conta-se que numa das últimas exposições de pintura realizada por um jovem artista, Arnaldo Ressano Garcia se deteve largamente, debruçado dos seus olhos, sobre um dos quadros que representava uma paisagem. O pintor, notando o interesse de Ressano pela tela, aproximou-se e perguntou-lhe:

—Gosta d'este quadro?

Logo Arnaldo Ressano, abanando a cabeça:

—Muito. O que é pena é não haver na natureza cores assim...

NATURALIDADE

Luis XIV comentava um dia que o marechal Schomberg, sendo alemão, se tivesse naturalizado successivamente holandês, inglês,

francês e portuguez.

—Não me admiro, meu senhor!—retorquiu o duque de Vivonne, que ouvira o comentário do rei—Anda a experimentar todos os estados para viver...

A PRAZO

Eduardo Dias, o subtil tradutor das «Mil e uma noites», arrancou uma meia hora aos seus trabalhos—e foi cortar o cabelo.

Sentou-se na cadeira eléctrica—ou quasi—abriu um jornal e esperou que o barbeiro, cintilante de tesoura, lhe afeioasse a pequena floresta capilar. Findo o elegante supplicio, o barbeiro, ostentando um espelho, inquiriu:

—Está bem assim?

Eduardo Dias mirou-se:

—Queriu um bocadinho mais comprido dos lados... Pode ser?

Imediatamente o barbeiro:

—Pode... Mas tem que voltar cá daqui a uns oito dias!

10 LEIS PARA SER FELIZ!

O reverendo James Smith, chefe da Igreja Protestante de Connecticut, acaba de publicar uma plaquete na qual, declarando resumir um quarto de século de experiência, enumera as principais razões que, a seu ver, impedem os homens de ser felizes.

- Essas razões são as seguintes:
- 1) Pretender que outros se conformem com as nossas concepções do bem e do mal.
 - 2) Medir o prazer alheio pelo nosso.

- 3) Ser intransigente com relação a coisas de importância secundária.
 - 4) Não se atrever a dar início a várias coisas pelo receio de lhes fazer mal.
 - 5) Perder tempo discutindo o passado em vez de estudar as possibilidades do presente e do futuro.
 - 6) Preocupar-se com coisas que não têm remédio.
 - 7) Considerar impossível o que julgamos não poder fazer.
 - 8) Não ter na devida conta as fraquezas alheias.
 - 9) Julgar as coisas pelas aparências.
 - 10) Não deixar de respeitar os outros sempre que mereçamos respeito.
- Há alguém que se aventure a seguir totalmente estes conselhos cheios de sabedoria?

CINCO GÊNIOS NUM HOMEM SÓ!

MARCEL é um dos artistas mais populares da França de hoje. Seus méritos pessoais elevaram-no à categoria de «virtuoso» na arte da transformação. Mas, sobretudo, o que é espantoso nele é o facto de se servir apenas de 560 gramas de algodão hidrófilo para reconstituir a história.

E, senão, vejamos o talentoso Marcel apresentando cinco génios bem diferentes — todos eles universais. E a semelhança é espantosa, não há dúvida alguma.



1) Marcel no seu atelier, com o seu ar juvenil, inteligente, de quem sabe fazer o que quer fazer...



2) Primeiro Pasteur. Um pequeno barrete negro, umas lúnetas e as barbas...



3) Mas as barbas de Pasteur servem também para Victor Hugo. Basta dar-lhes outra apresentação e acrescentar uma cabeleira branca revólta...



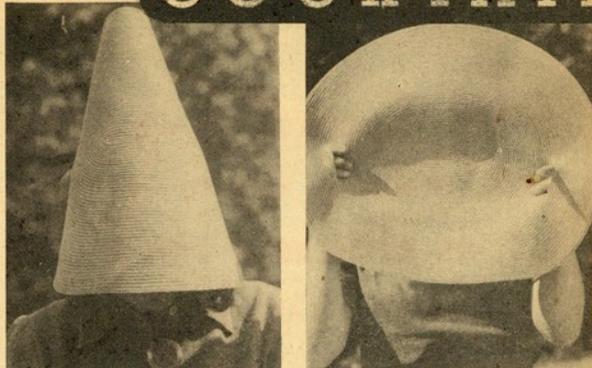
4) Cabeleira essa que se transforma numa peruca à Luis XV para nos dar o célebre Wolfgang Mozart.



5) E logo a seguir a cabeleira torna-se revólta, de novo, e gralha para reviver o génio incomparável de Beethoven.



6) Até que, finalmente, com uma murráfa ao meio, a cabeleira serve para a melhor criação de Marcel: Schubert.



SABEM O QUE ISTO É?

Olhem bem. O máximo de atenção. Nada de pensar depressa. Vamos, ponham o raciocínio a trabalhar. E agora digam-nos com toda a franqueza: Sabem o que isto é?
De qualquer maneira, vamos dizer aos que não acertam. Trata-se, nada menos, nada mais, de dois chapéus de palha para as senhoras se resguardarem do sol. Calculem, dois chapéus!... Só, de facto, as senhoras é que são capazes destas inovações...

UMA ILHA GOVERNADA POR MULHERES

NÃO muito longe do rio Teffe, descobriu-se numa ilha sul-americana uma singular tribo de índios, governados exclusivamente por representantes do sexo feminino.

A tribo em questão é composta por setecentas famílias, unidas numa bem organizada forma de Estado. Todos os cargos, desde os mais elevados aos mais importantes, são desempenhados por mulheres, enquanto os homens vivem assim a modo de escravos delas.

Como é de supor, as mulheres têm all o direito de escolher os seus maridos. Quando chega esse momento grave para uma mulher que deseja casar-se com determinado varão, ela pede sua mão ao chefe da família, que é a mãe do preferido ou escolhido.

Acontece às vezes que duas mulheres lançam os olhos desejosos sobre o mesmo homem. Em tal caso disputam-no à mão armada, em um duelo que as duas contendoras travam em presença de toda a tribo.

COISAS do Século XX

UM CLUBE EXCÊNTRICO — Uma actriz americana, Sophie Tucker, apelidada «Mistinguette americana», fez recentemente a um jornalista certa confissão rara numa mulher: completa, há pouco os 40 anos. E Sophie Tucker foi mesmo mais longe. Para provar que não oculta a sua idade, fundou o «Clube dos mais de 40 anos», para o qual já se inscreveram como sócios Eddie Cantor, Jack Dempsey, Mae West e outros.

PARECE MENTIRA, MAS É VERDADE — A senhora Walkelin, residente em Victória, na Colômbia britânica, desatou a rir com um grajejo do marido, e em seguida começou a bocejar.

Isso sucedeu em 3 de Novembro do ano passado, e a infeliz senhora continua a bocejar incessantemente. Dezenas de médicos já a trataram, sem qualquer resultado prático. A senhora Walkelin só deixa de bocejar, por poucas horas diárias, quando adormece, esmagada pela fadiga. E mal se pode alimentar, estando reduzida, portanto, a um incrível estado de fraqueza.

HONESTIDADES... — Esta sucedeu na Bélgica. Uma senhora mandou chamar um bombeiro hidráulico para consertar a banheira de sua luxuosa residência. O operário chegou com um aprendiz e, diante deles, altivamente, a senhora ordenou a uma criada que fechasse num cofre todas as suas jóias.

Então, o operário sorriu, tirou do bolso o relógio e entregou-o ao aprendiz, dizendo:

— Guarda bem. Leva-o para a oficina porque parece que esta casa não é segura...
O BEBÉ FUMADOR — Na Austrália, o senhor G. S. Normand reuniu os jornalistas pelo segundo aniversário de seu filho Charles, para que vissem o bebé fumar dois charutos de Havana legítimos. Orgulhosamente, o papá afirma que o seu menino começou a fumar aos 14 meses...

UMA RUA DE TABUAS — É talvez a única do mundo. Existe na cidade de Seetter, nos Estados Unidos, e é toda constituída em madeira, pois Seetter representa o mais importante centro de comércio de madeiras da América.

CURSOS PRÁTICOS PARA ESTUDANTES — Vários estudantes das universidades dos Estados Unidos, resolvem provar que o casamento não é assim tão mau como se pensa. E, assim, adoptaram o processo de casar com as suas próprias colegas. Reunidos quatro casais, eles instalam uma casa e todos juntos fazem os trabalhos domésticos. A cada casal toca um turno por semana na administração da casa, e o serviço é feito pelas esposas, que lavam, cozinham, varrem, etc., enquanto os maridos trabalham fora.

Em determinada hora, porém, todos param: é chegada a hora dos estudos, porque eles ainda são estudantes e frequentam as aulas. Eis um curso prático, nada desagradável...

TEMPOS MODERNOS



No Conservatório não temos quem ensine os artistas a cuidar da «souplesse»

ARTE sem ciência é hoje considerado princípio errado para realizações de mérito absoluto. Se o pintor tem de saber história, arquitetura, anatomia, física — sabe-se lá que mais, para criar obra de génio e de técnica! — com os trabalhadores de teatro o facto repete-se com mais espantosa acuidade, porquanto sendo o espectáculo uma realização de análise directa e objectiva, o público observa melhor os vários aspectos de que se reveste a obra.

A estética, a lógica das formas com a psicologia das peças é, assim, elemento indispensável num conjunto teatral. Quere dizer: o teatro exige um máximo de elegância dos artistas, a que não pode ser estranha a racional emenda, onde a natureza errou. Uma actriz com umas pernas muito fortes — precisa de ser uma Duse de saias curtas, para que o público não seja apenas distraído da sua aberração estética.

Ora, uma das faltas que se nota no nosso Conservatório, onde há uma escola de representar, é, precisamente, uma aula de ginástica e um médico que saiba dar conselhos sobre alimentação. Uma escola de teatro não é hoje uma aula de conhecimentos teóricos. Pelo contrário: tudo indica que seja cada vez mais uma escola técnica, uma fábrica de conhecimentos aplicados em doses a cada um dos futuros artistas — se o vierem a ser — pois consistindo essa escola numa «fábrica» nada faz pressupor a possibilidade de realizar milagres artísticos em quem não nasceu artista.

Dentro deste princípio geral, é necessário que se ensinem, de raparigas e rapazes que querem ir para o teatro, regras de alimentação e educação física, cuidados a ter com a voz, modo de combater a obesidade — e muitos outros cuidados, como sejam certas necessidades de repouso para quem esgota os nervos e abala o sistema nervoso em cada noite de tobiado.

Podem objectar os práticos — temos muitos, graças a Deus, disfarçados de atrevidos e imprevidentes — que os artistas têm depois de fora os seus médicos para os amparar. Objectar-se-á, porém, que um organismo feito, mal preparado psico-fisicamente, não recebe com aproveitamento de cem por cento o conselho e a terapêutica do médico.

A ginástica influe fundamentalmente no desenvolvimento de um organismo em formação; a alimentação, por sua vez, corrige as tendências da natureza.

Na verdade, se entre nós os artistas — as actrizes, principalmente — cuidassem um pouco mais da sua alimentação e da higiene estética, não ficariam, com o andar dos anos, condenadas nas distribuições de certos papéis.

Lá fora, não há escolas de dança que não obriguem a uma intensa preparafisica, obtida por intermédio da ginástica. As escolas de teatro preparam igualmente os artistas no mesmo sentido. Temos falado com muitos cantores, bailarinos e actores estrangeiros que passam do que comem os seus colegas portugueses, sem obediência a selecções de qualidade ou quantidade.

Daí, portanto — daí e da falta da prática de desporto e educação física — os nossos artistas progredirem, primeiro que tudo... na obesidade.

Este esboço de tratamento de assunto tão fundamental na arte de representar, não passa, de facto, do que se anuncia: nótula ligeira que desejaríamos ver estudada com a atenção necessária por quem tem por incumbência zelar pelo futuro — e pelo presente — do teatro em Portugal.

As três pancadas

«O SR. ADMINISTRADOR»

SILVA TAVARES e Mário Marques, dois nomes sobejamente festejados, resolveram pregar uma partidinha ao teatro de Verdão — um destes inocentes jogos de praia ou campo — e escreveram uma peça que, verdade seja, tem uma grande importância de ter sido representada. Perante este caso — este e outros ultimamente verificados — que é um verdadeiro «cocktail» onde aparecem todos os caracteres, a crítica quasi poderia gritar que não há autores em Portugal, nem imaginação, nem conhecimentos de carpintaria teatral, nem a ideia do que seja um espectáculo. Mas a crítica não pode gritar isso, porque não é essa a sua função, perante as coisas mais aparecidas — nem «o sr. administrador» estradado no Nacional, peça feita à base de certos dos piores originais argentinos, pode tomar-se como bitola da produção portuguesa. A peça, que é nada, não tem crítica — mas sem favor se pode dizer que está bem escrita e que tem, às vezes, graça.

* A representação resultou quasi sempre má porque Emilia de Oliveira jurou que não havia de saber o papel. Naquela cambalhota de gente, em que a falta de acção era de vez em quando compensada pela entrada de novo rubausta — que trabalho, o da marcação, para Palmira Bastos que, ainda assim, não pôde

evitar a colocação dos personagens em fila ou a jogar os quatro cantinhos. Sarguel Diniz foi muito engraçado sempre bem, como aliás lhe cumpria; Alves da Costa noutro papel sem responsabilidade; Manuel Correia certo na fatiota de um mau papel; António Palma mostrando a oportunidade da sua presença; Manuel Lerno adaptado a um novo género de papel; Joaquim Miranda e Halbeche Bastos sem desequilibrarem o conjunto. No naipe feminino, além de Emilia de Oliveira, Brumilde Júdice a desperdiçar talento — desta vez num pequeno e mau papel — Adelina Campos amei, mas que estou a abandonar do papel, Maria Reis e Luz Veloso bem, Munique Lopes ridícula como os autores quizeram.

* Não aparece nos programas o nome dos cenógrafos — há ali dois «dedos». No 2.º acto há a adaptação de um acto de Grazia Savioetti, de um 1.º acto mau. Talvez esteja «psicológicamente» com a dona da casa — mas não está, com certeza, com a psicologia do público. Basta de sombras pintadas e fantasias de 1900. O rócócó passou, mesmo quando o rócócó está na peça.

* Emilia de Oliveira vestiu-se horrivelmente, como se a caricatura do vestido fosse indispensável à exteriorização da personagem. O resto das artistas a passar — mesmo, quando as saias são ponta abaixo, ponta acima. Não sei porque se adaptaram a Sarguel Diniz e Alves da Costa com o «mesmo» fato castanho, para contracenar? Ao menos, podiam agora descombinar-se, visto que não subterram combinar-se antes da estreia...

HORTENSE LUZ VAI ENTRAR NO CINEMA

e acha que o público deve ser orientado no sentido da boa crítica!



QUEM às tantas da noite passar ali pelo Trindade e entre num camarim que fica mesmo à esquerda de quem entra, há-de sentir-se surpreendido: a um canto, sentadinha a bordar, está algúem que tanto pode ter quarenta anos como quinze. É Hortense Luz, uma vedeta popular que o público aprecia porque tem graça natural e talento artístico. Se quisessemos apresentar a sua galeria de tipos, todos tão diferentes, teríamos enorme dificuldade. Como Costinha, que tem fantasia e espírito criador, Hortense Luz sabe tirar partido dos papéis que lhe confiam. Por isso ela é ingénua, «Gavroches», grão-de-bico, espanhola, «l'Évêlle-dame» — sabe-se lá o quê!

Só o que nós não sabíamos era que fosse, no teatro... bordadeira.

— Faço sempre assim. Durante os ensaios, claro, não saio lá de cima dos bastidores e acompanho todo o espectáculo. Mas, depois da estreia, quando tudo está já assente e se tenho pequenos papéis que me permitam larga ausência, então regresso ao lar... Isto é, bordo, faço «crotchet», qualquer coisa que tilmente me distraia, porque eu, por ser actriz, não deixo de pensar que tenho marido e uma casa de família onde só faltam os filhos.

— E não tem pena?

— Olhe... tenho e não tenho, porque ali é que a profissão às vezes se incompatibiliza com os deveres de mãe. As «tournées», as longas ausências de casa, tanta coisa, enfim, que às vezes podem fazer decurar a vigilância de uma mãe. Mas gostava de ter um filho já homem!

Nós estamos na presença de Hortense Luz para conduzir uma certa série de perguntas que classicamente começa assim:

— É verdade que trabalha agora, pela primeira vez, para o cinema?

— É verdade, sim, meu senhor. E, veja lá eu, que me recusei sempre a filmar, acabei por me deixar vencer pelo Lopes Ribeiro, um chefe e um camaradão simpatiquíssimo que sabe pedir com tão bons modos estas coisas à gente... Agora, o que é mais engraçado, é que me vou estreiar no cinema na peça em que também me estreiei no teatro...

— Conte lá...

— Tinha terminado o curso do Conservatório. Maria Matos, que assistira às minhas provas no curso da arte de representar, contratou-me logo, e, em 1920, levou-me para o Pôrto. Fiz lá a «Vizinha do lado», o papel principal, de ingénua, que vai agora ser interpretado por Carmen Dolores, a «Teresa» do «Amor de Perdição». Já vê que a coincidência é agradável...

Dizemos a Hortense Luz que é mais uma garantia do seu triunfo, mas ela não acredita muito:

— Não sei, não sei... tenho medo e curiosidade...

— Como passou para o teatro ligeiro?

— Olhe, porque me encorajaram. Depois de trabalhar cinco anos com Maria Matos, passei para a companhia dirigida por Lucília Simões, no S. Carlos. Fizemos coisas maravilhosas, desde o «Leques» e as «Fogueiras de S. João» à «Casa em ordem». Numa das saltadas ao Pôrto, Erico Braga arranjou, pelo Carnaval, uma «bluette» muito engraçada, o «Chic-Chic», em que eu fazia de «Gavroches». Todos gostaram. Mais tarde, aí por 1932, quando cá esteve o Che-

valler e a Ivone Vallée que pareciam como atracções, estreei-me no S. Luís, definitivamente, na revista. Era outra vez o «Chic-Chic...» mas com honorários espantosos!

— E não foi empresária?

— Então não fui? Doze anos! Trabalhei neste mesmo Trindade com o Nascimento Fernandes, a Corina Fretre e o Francis...

— Que género prefere?

— A comédia, este género que estamos aqui a representar, sem certas transgências com o gosséto... O público é como as crianças. Precisa de ser encaminhado. Se lhe não derem certas pimentas, que remédio tem ele senão habituar o paladar aos pratos finos...

— Algumas peças há-de ter ficado na sua recordação...

— Das últimas, «Rompi a manhã», de Vasco de Mendonça Alves. Sabe? É uma peça repousante, graciosa e poética, pelas situações, pelos sentimentos e até pela linguagem, tão diferente de tudo que se pode chamar popularuno...

Hortense Luz, que conhece o Brasil de duas «tournées» — lá lá deixando ficar as tranças de «Malva-Louca»... — pode falar com uma certa independência. Como empresária e como actriz, sabe bem o que são o público, os autores, os críticos e os artistas: durante dez meses representou a «Rambola» e o «Futebol» com um êxito inequalável entre nós...

— Mas nem tudo são rosas. E, às vezes, para se conseguir um pequeno nada, quantos sacrificios! Sabe lá o que eu sofri para dançar em pontas em «Não o levarás contigo». Foi horrível. Basta dizer que trabalhava 3 horas por dia à barra, e que se não fosse a minha força de vontade e o saber de Madame Britton's, não teria aprendido a dançar em 26 dias... Até esfolava os dedos! E para arranjar sapatilhas, não lhe digo nada — foi preciso mandá-las vir de Barcelona!

— Julgávamos que, como antiga aluna do curso de arte de representar...

— Ah! muito bom gente julga que esse curso inclui dança, mas, infelizmente, não é assim. E, digo-lhe: acho que faz falta. O gesto, o andar, até a voz, todos os movimentos adquirem um ritmo diferente...

— Val ficar no Trindade, durante o Inverno?

— Eu e todos. Ficamos todos com Lopes Ribeiro. Umaz vezes trabalhamos em grandes papéis, outras em pequenos apontamentos — o que acho ótimo como disciplina e treino. Eu, agora, não entro na «Miss Ba». Vou filmar. Quando voltar, veremos...

— Acha bem o funcionamento de mais uma companhia?

— Achava indispensável a sua existência...

Pela segunda ou terceira vez vem gente. Val um reboliço doído pelo teatro. De vez em quando, aparece um actor:

— É verdade! Agora é que é certo! Estupendo!

— Alguma nova peça? — pergunta-mos.

— Então não sabe? Dizem que acabou a guerra, que foi pedida a paz, e nós vamos beber todos uma taça de «champagne», se realmente é verdade...

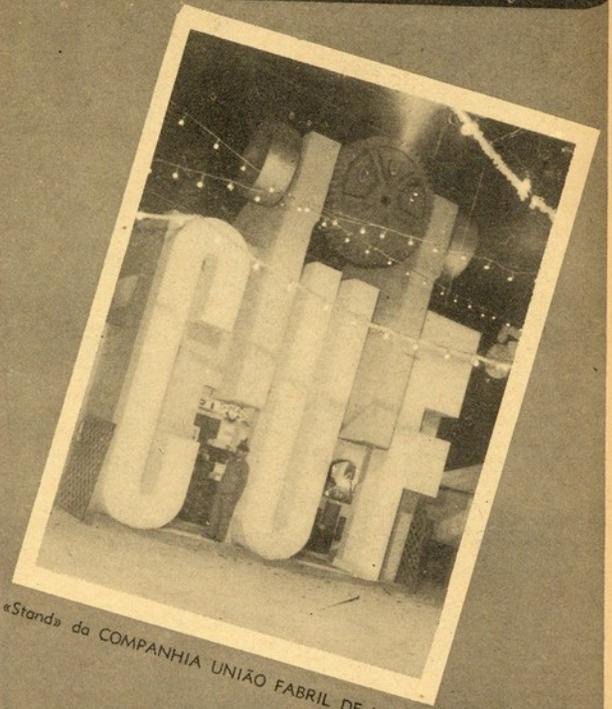
Não queremos ouvir mais. A entrevista fica em meio. O resto fica para quando a Hortense Luz aparecer vedeta de cinema...

A FEIRA POPULAR DO NORTE ★

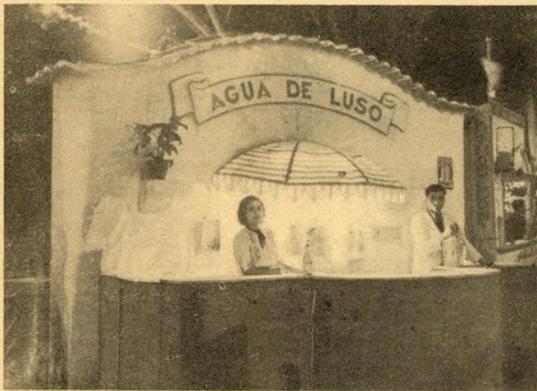
NO PORTO



«Stand» da Indústria de Conservas de Peixe, superiormente coordenada pelo Instituto Português de Conservas e a cargo do Grémio dos Industriais de Conservas do Norte



«Stand» da COMPANHIA UNIÃO FABRIL DE LISBOA



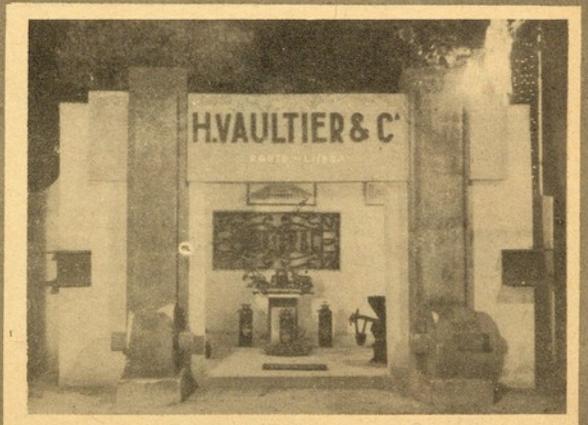
ÁGUA DE LUSO — Isenta de matérias orgânicas, inalterável e muitíssima pura, é a água de mesa por excelência, a mais leve e digestiva.



«Stand» de Exposição dos rádios «Siemens», da firma do mesmo nome na Rua dos Carmelitos, 12 — Pôrto



O «stand» de máquinas, ferramentas e acessórios para indústria da casa AGOSTINHO RINCON PERES, na Feira Popular do Palácio de Cristal, no Pôrto.



«Stand» H. VAULTIER & C.
OLEOS, CORREIAS E EMPANQUES — PORTO-LISBOA

A INDUSTRIA NACIONAL NA FEIRA POPULAR



«STAND» HORUS
FÁBRICAS DE TINTAS PARA ESCREVER, COLAS,
LACRES, PAPEL QUIMICO, ROLOS DE PAPEL PARA
MAQUINAS DE SOMAR E CAIXAS REGISTRADORAS.
«HORUS» A TINTA DE ESCREVER QUE
OS CONTABILISTAS CONSAGRARAM

MOISÉS & REIS, L.DA

Fábricas: Trav. das Águas Boas, 11 — Tel. 58-497
Rua Fábrica da Pólvora, 22-A — Tel. 81-691 - Lisboa



Aspecto do magnífico «Stand» da SAPEM — Sociedade Anónima Portuguesa de Embalagens Metálicas, cujos produtos — bidons, tambores e depósitos para todos os fins — honram a Indústria Nacional.

Peça na sua papelaria
Produtos «HORUS»
Tintas para escrever,
colas, lacres e papel
quimico



MOISÉS & REIS, L.DA

Fábricas: Travessa das Águas Boas, 11 — Telef. 58-497
Rua Fábrica da Pólvora, 22-A — Telef. 81-691-LISBOA

Poupe as suas preciosas meias



583

HORAS DE USO
SEM CAÍREM
MALHAS.
É O QUE V. EX.ª
CONSEGUE LAVANDO
AS SUAS MEIAS
DE SEDA COM

Usando o pó oxigenado **LAVOL** não só V. Ex.ª poupa as suas meias e as suas roupas, como também protege a sua pele.

Use **LAVOL** no seu banho e nos de seus filhos.

Vende-se em toda a parte.

Se o seu fornecedor habitual não o tiver escreva ou telefone-nos e será imediatamente servida.

DISTRIBUIDORES

Produtos Vamo

Rua Chabi Pinheiro, 11

LISBOA

Telef. 47533



Uma biografia exemplar

Éste é o homem que ganhou o prémio "Pulitzer" de música

dente: os alunos, na sua maior parte, eram mais velhos do que o professor. Ele contava apenas deztoito anos de idade...

O PRIMEIRO GRANDE PRÉMIO:

Falando da sua juventude e das emoções de então, Hanson declara, sem constrangimento algum:

— Lembro-me muito bem da primeira oportunidade que tive para dirigir uma orquestra a sério. Foi com a Filarmónica de Los Angeles, dirigindo a minha «Rapsódia Sinfónica».

E aproveitando o mesmo assunto, ele comenta, talvez saúdoso, talvez satisfeito:

— Tenho dirigido imensas orquestras excelentes. Mas não há no mundo coisa que se possa comparar com a emoção que sentimos ao ouvir a primeira audição da nossa própria música, executada por uma grande orquestra!

Porém, a emoção maior da juventude de Hanson resultou do seu primeiro grande prémio, concedido pela Academia Americana de Roma à sua composição orquestral «Antes do amanhecer», quando ainda era estudante no Colégio do Pacífico, na Califórnia.

HOWARD HANSON E O NOSSO TEMPO

Entre as suas obras, e são muitas, avultam especialmente três: «Elegia Heróica», «Quarta Sinfonia» e «Sinfonia Nórdica», um poema excepcional em que ele canta todo o seu amor à terra eslava. Esta sinfonia é dividida em três tempos, seguidos dum final, e envolve uma homenagem solene e emocionada do autor à grandeza majestosamente bela do Norte.

Em 1924, regressando aos Estados Unidos, depois duma larga digressão pela Europa, sobretudo pela Itália, onde se demorou bastante tempo ensinando e compondo, Hanson aceitou a direcção geral da Escola Eastman, uma das maiores instituições musicais da América.

Hanson é moderno, de idéias dessempeolradas, ainda que um tanto conservador.



Brazalema não quiere casar...

Brazalema, a escultural bailarina espanhola que Lisboa aprendeu a ver e a admirar, declarou recentemente, num inquérito radiofónico, que estava longe de pensar no casamento.

Mas, logo, sorrindo, emendou a tempo: — Bem vê... No fundo, eu não quero casar com um homem qualquer... E por sua vez, eles também não querem responsabilizar-se por tudo o que eu desejo. E eu desejo um impossível. Assim, com a lanterna de Diógenes, ou mesmo sem ela, vou procurando sempre. Talvez algum dia...

E mais não disse Brazalema. Mas ela é nova, formosa e tem um talento excepcional. O amor não pode ser ingrato para com ela.

CHAMA-SE Howard Hanson, usa barbicba e óculos, tem uma grande paixão pela música e é autor dessa composição extraordinária que se intitula «Elegia Heróica», escrita propositadamente para comemorar o centenário de Beethoven.

Este ano, os seus méritos foram compensados com a maior distinção americana: o prémio Pulitzer. Ganhou-o, por unanimidade, apresentando «Quarta Sinfonia», em que pôs à prova os seus dotes, o seu talento e a sua sensibilidade privilegiada.

Filho de pais suecos, Howard Hanson nasceu em 1896 (no dia 28 de Outubro), na pitoresca cidade de Walsoo (Nebraska). Estudou no colégio sueco da cidade, começando logo a evidenciar-se no piano, quando contava apenas sete anos de idade.

Segundo um dos seus críticos, «aos oito anos havia composto já sua Op. 1, inspirada numa série de tristes melodias, nas quais acusava uma evidente influência de Grieg». Mas isso é bastante explicável porque é próprio nos confessa, francamente: — Desde a minha infância, Grieg tem sido o meu ídolo!

UM PROFESSOR MAIS NOVO DO QUE OS ALUNOS...

Pode parecer irreal, mas o caso passou-se com Howard Hanson. Um belo dia, ele chegou a Nova-York cheio de esperanças e de sonhos. Ao cabo de esforços e de sacrifícios conseguiu concorrer e ser admitido no Instituto de Arte Musical, para fazer um curso completo num só ano. Daí passou, sempre triunfante, para a Universidade Northwestern, perto de Chicago, onde arrancou com brilho e «alguma facilidade» — na opinião dos seus mestres — o título de professor de música. Fizera-lhe, desde logo, vários convites para aceitar. E ele acabou por se tornar professor de harmonia. Simplemente, Howard Hanson quando apareceu diante dos alunos constatou esta coisa surpreen-

E na última reunião da Associação Nacional de Música ele fez uma proposta curiosíssima sob todos os pontos de vista: pediu aos compositores para que não perdessem tempo em futilidades e, em vez disso, escrevessem a história musical do seu tempo, não esquecendo, de maneira alguma, a função social da música na educação dos povos. Como temas, Hanson sugeriu, por exemplo, uma descrição sinfónica do avanço vitorioso das tropas aliadas no deserto africano ou a tragédia dum sinistro naufrágio ou a actividade duma grande fábrica.

Tais são as idéias de Howard Hanson, o homem que ganhou este ano o célebre e ambicionado «Prémio Pulitzer»!

REPORTER DOIS

O MAIS FAMOSO «DANCING» D A A M É R I C A

Eis um sugestivo aspecto de «El Marocco» que é hoje, indubitavelmente, o mais famoso clube nocturno de Nova York. Por aqui têm passado as maiores orquestras e as mais extraordinárias celebridades radiofónicas. Carmen Miranda encantou, por vezes, a assistência selecta e elegantíssima de «El Marocco», o «dancing» da elite americana. E um dos cantores que começou a sua carreira arrancando tempestades de aplausos em «El Marocco» chama-se Frank Sinatra. E hoje um dos ídolos da América!



Na cidade, praia ou campo...

...tem o CASULO Limpas-Fatos

sempre a mesma valiosa utilidade, uma vez que, em qualquer lugar e de qualquer forma o vestuário se suja e envelhece.

Fórmula notabilíssima de 6 substâncias químicas inofensivas, «Casulo» suprime radicalmente o LUSTRO, AS NÓDOAS, o MAU CHEIRO e torna os fatos como novos e mais duráveis.

Só custa 2\$50

EM TODAS AS DROGARIAS

Revenda:

SCHROETER & ALMEIDA

Rua da Madalena, 128, 2.ª — LISBOA

Osar dos Gentes

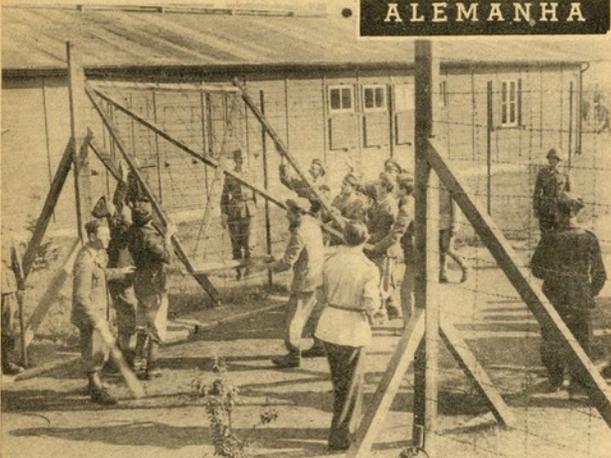
O JAPÃO

Na literatura, na literatura e na lerda

Pedidos directos: VIDA MUNDIAL EDITORA

Rua da Emenda, 69, 2.ª Lisboa

• ALEMANHA



Segundo acôrdo estabelecido entre Hitler e Mussolini, os prisioneiros de guerra italianos foram absolvidos e postos em liberdade, sendo considerados cidadãos livres, tal qual como os civis alemães. Vemos, no foto, os reclusos italianos depois de assistirem ao acto em que o «gauleiter» Sankel discursou sobre o significado da medida, retrahendo os portões do campo de concentração, na Alemanha.

FRANÇA



De quem são estes vultos que se divisam ao longe? Diante de uma meda de palha, sentados em banquinhos de lona desmontáveis, rodeados de papelada e tão absortos, quem serão, realmente, os cinco homens de capacete de campanha e bóina basca?



Ah! sim, são homens de guerra os responsáveis da campanha em França: o general Bradley — que é o primeiro contando da esquerda — o general Montgomery, o general Dempsey e o general Hodger. A quarta personagem, que é o general Crerar, comandante das forças canadianas — tinha-se retrahido na altura em que foi feita a segunda foto. Foi daqui, deste sítio da França desocupada, que os grandes chefes estudaram os progressos dos exércitos de invasão, pelos mapas que estão na sua frente.

A fase final

PELO mundo fora parece tomar corpo a mesma pergunta ansiosa: «Mas por que é que se espera para fazer a paz?». Fazer a paz, porém, é uma tarefa extremamente complexa, que envolve no seu conteúdo uma série de factos e situações preliminares, a primeira das quais será a de pôr termo à guerra. Em boa verdade, o vulgo, quando fala de se fazer a paz, ao que se liga, na sua imaginação, é precisamente a idéia de que cessem os combates.

Pela nossa parte, muitas vezes aqui se acentuou esta fórmula: a guerra transforma-se, por não se lhe ver suficientemente próximo o desfecho nem bastante claro o seu destino. Em boa verdade, pode considerar-se que se entrou desde já nessa fase de transformação, pois que vemos como as circunstâncias têm compelido a permanecer na guerra os que, ao fim de tanta cansaça e sofrimento, se decidiram a tentar a possibilidade de se libertar do flagelo terrível que consome vidas, havres e a própria riqueza inesgotável do engenho da humanidade. A Roménia, quando se deu conta de que tinha à porta o adversário vencedor, operou a sangria necessária para pactuar, eliminando do seu seio o aliado forçado e juntando as suas forças ao inimigo da véspera para o expulsar. A Bulgária, que se manteve através de quási todo o período de guerra emparceirada com as potências do Eixo, aderiu ao pacto tripartido, herdou territórios na partilha da Jugoslávia e da Grécia, deu contingentes para a ocupação daqueles países mas esquivou-se a adoptar, sob o ponto de vista jurídico, posição perante os dois partidos beligerantes. Foram os Estados Unidos e a Grã-Bretanha que tomaram a iniciativa de lhe declarar guerra, em consequência da sua atitude para com aqueles países, aliados exilados das Nações Unidas. Mas a Rússia absteve-se de secundar essa atitude e o governo búlgaro — talvez em razão do eslavismo do seu povo — preferiu afirmar que se considerava neutral na guerra germano-soviética, apesar de aderente ao pacto anti-komintern... O certo é que nunca o governo de Moscovo pareceu muito preocupado desta cadeia de anomalias diplomáticas, aceitando manter relações com o governo de Sofia, junto do qual mantinha uma representação cuja missão militar se compunha de vinte membros — um verdadeiro estado-maior... Era, manifestamente, duplo o pensamento que orientava e justificava tal situação: por um lado, mantinha-se um ponto de observação sobre a região balcânica, a que não podiam escapar movimentos nem algumas das intenções das tropas alemãs; mantinha-se, por outro lado, um estado psicológico de incógnita, pronto a explorar na primeira oportunidade que se revelasse. Foi o que veio a acontecer. A série de golpes de ordem política e diplomática registados na Bulgária poderá ficar, na história desta guerra, como um episódio típico do imprevisível. A mesma Rússia que suportara relações com uma Bulgária dependente do bloco alemão, decidiu a declaração de guerra à Bulgária quando esta tinha, sucessivamente, transformado o seu Governo num sentido anti-alemão, decidido a não dar mais passagem a tropas alemãs e desarmar as que chegassem foragidas à tempestade na Roménia. O «blitz» diplomático seguiu os seus trâmites: declaração de guerra, movimentos militares, pedido de armistício nas 24 horas subseqüentes, seguio da declaração de guerra à Alemanha.

O episódio búlgaro, que aparecerá, à primeira vista, com carácter de difícil explicação, teve por fim pôr cõbro a uma situação incaracterística e, para quando chegar a hora de todos se sentarem à mesa para assentar nas condições de paz, situar a Bulgária no lado dos países vencedores, que não têm reivindicações a apresentar, mas de quem se poderão exigir concessões. A Itália, a Roménia, a Bulgária, a Finlândia abandonaram os alemães, com quem se tinham aliado, e passaram a combatê-los. Da grande coligação continental, comandada de Berlim para fazer frente à potência insular — nada resta à Alemanha senão a própria Alemanha, com os húngaros irremediavelmente atrelados ao seu carro, já desde antes da guerra, quando a bandeira do revisionismo era agitada em Budapeste com a mesma clamorosa veemência com que se procedia em Berlim. O último com a Roménia, desde o Tratado de Trianon, não deixara de borbulhar. Os romenos, vencedores na outra guerra, saíram satisfeitos nas suas ambições. Hitler, em 1940, mandara dar razão aos húngaros, que anezaram de novo a Transilvânia. Os dois aliados, por mais de uma vez, estiveram para se lançar um contra o outro, mas o policiamento imposto pelo poder que ordenara a «arbitragem de Viena» evitou esse fracionamento na coligação. Agora — tudo acabou. Moscovo fez saber a Bucareste que lhe dava razão nesse pormenor, por conseguinte à Hungria não ficou outro recurso que o de deixar-se irremediavelmente ligada à sorte do Reich.

E assim se está, quando já os exércitos aliados penetraram no próprio território alemão, quando os governos exilados em Londres estão regressando aos seus países, quando as Nações Unidas começam a testemunhar ao mundo sinais de que consideram virtualmente no fim a campanha da Europa: tão no fim, que logo surgiu o boato — aliás pouco depois desmentido — de que Eisenhower, o generalíssimo do ocidente, que tem comandado toda a campanha, primeiro ao norte de África, depois no quadro da invasão do continente europeu, depois na própria fase de grande desenvolvimento da batalha, iria tomar conta do comando do Pacífico... Não foi. Mas Mac Arthur lançou-se abertamente no caminho das Filipinas.

Setembro no fim, a pouco mais de um mês da eleição presidencial nos Estados Unidos, importa mostrar aos americanos que a sua guerra — a do Japão — vai por seu turno entrar na fase final...

J. R. S.

Przemils, nos Cárpatos evoca o nome de Mackenzen

QUANDO nos telegramas aparece o nome de uma cidade dos Cárpatos — Przemil — outro me vem à memória: o do Von Mackenzen. Onde parará o velho marechal? Na cova?

Vinham os russos daquele tempo a cair sobre os desfiladros das montanhas, para as planuras da Hugia.

Um jovem brasileiro encantador e amigo que então estudava engenharia na Alemanha, e acudira à Foz do Douro a abraçar parentes, contava-me:

— Durante duas semanas, a idéia apavorante da invasão eslava derranou arriplos na espinha dorsal dos comandos. A vida, porém, continuava normal. O alemão entendia, e bem, que só ao exército competia fazer a guerra, e não alterou o ritmo dos seus trabalhos. Uma tarde, porém, foi publicada uma ordem para que a Alemanha se embandeirasse. E a Alemanha inteira embandeirou-se. A ordem officia dizia que o general von Mackenzen deturcava os russos em Przemils... O pesadelo da invasão diluiria-se...



Von Mackenzen

VÃO OS FRANCESES TER, DESTA VEZ, A FRONTEIRA DO RENO?

por Carlos Ferrão

O general De Gaulle nunca ocultou, nem mesmo nas horas mais graves para os destinos da França nesta guerra, o seu propósito de reivindicar oportunamente a fronteira do Reno, como fronteira natural e como fronteira estratégica da França. Será preciso acrescentar que essa é também a sua fronteira tradicional? Mas o general De Gaulle foi, durante muito tempo, um exilado político que falava em nome dum movimento de resistência, refugiado no estrangeiro, mas que não falava em nome da pátria.

As principais dificuldades a que o seu pedido fôsse deferido, ou pelo menos considerado, resultavam dos seus próprios aliados e da situação que estes lhe haviam criado. Como se sabe, até à data do desembarque de 6 de Junho, a Grã-Bretanha e os Estados Unidos não só se recusaram a reconhecer a Comissão de Argel como governo, de facto, da França, visto que a sua legitimidade só poderia ser estabelecida pela vontade do povo francês, mas recusaram-se também durante muito tempo a negociar com aquela Comissão a transferência da administração civil para as autoridades por ela indicadas quando o país fôsse libertado.

Essa situação modificou-se depois da viagem do general De Gaulle aos Estados Unidos. Como se sabe, o governo de Washington continua a recusar o seu assentimento a dar à administração presidida pelo general De Gaulle, outra sanção que não seja a de um reconhecimento formal sem compromissos quanto ao futuro. Isto significa que o governo norte-americano se reservou em relação ao general De Gaulle uma liberdade de movimentos total.

Mas se, a êsse respeito, as opiniões divergem e as decisões são tomadas rodeadas de todas as cautelas, em relação à França do futuro começa a estabelecer-se uma unidade e uma uniformidade de critérios que estão em contraste flagrante com a diversidade e a multiplicidade que ainda não há muito tempo se registavam. Qualquer que seja o governo e o regime que a nação francesa venha a adoptar, radica-se, cada vez mais, a convicção de que o seu concurso activo é uma das condições indispensáveis à realização de qualquer paz estável e duradoura.

«A França — começa a afirmar-se nos meios aliados — não pode continuar ausente das grandes decisões que vai ser necessário tomar». «É preciso reconhecer à França — clama-se por outro lado — o estatuto de grande potência. Em caso contrário a Europa arrisca-se a ficar sem voz no concerto preparado nas Conferências de Moscovo e de Teherão. O que corresponde a uma verdade evidente, pois a Grã-Bretanha é uma nação imperial cujas decisões dependem em grande parte da atitude dos Domínios, a China é uma potência asiática, a Rússia se debruça sobre

dois continentes, e os Estados Unidos se interessam sobretudo pelos problemas do hemisfério ocidental e do Pacífico.

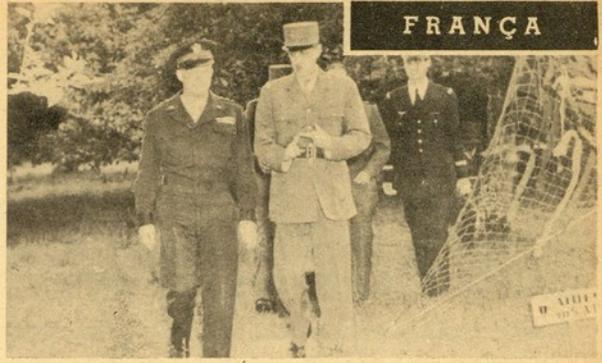
Mas para que a França volte a ocupar o seu lugar de grande potência, que no decurso dos séculos nunca abandonou, é indispensável que se criem as condições para que ela seja, de facto, uma grande potência. A primeira condição a satisfazer, para êsse efeito, é a da segurança das suas fronteiras metropolitanas.

A França, vencedora em 1918, reclamou-as sem que o seu pedido fôsse escutado. Apesar de dependerem do seu voto as decisões capitais tomadas em Versaillles, para não romper a solidariedade que a ligava aos países anglo-saxónicos resignou-se a abdicar do seu direito fundamental, o de ver garantida a sua segurança.

Vai porventura a França, vencida nesta guerra, ver satisfeita uma pretensão que lhe foi negada quando dois milhões de franceses caíram nos campos de batalha do ocidente? A situação política e diplomática tem evoluído, durante as últimas semanas, com uma tal rapidez e com características tão desconcertantes, que o concurso da França começa a ser considerado indispensável quando ela mal iniciou o processo da sua reconstituição interna e da recuperação do seu prestígio internacional. Neste caso, os interesses franceses ajustam-se aos de outras potências que, inicialmente, haviam contado com a sua eliminação, mesmo transitória. E é essa, sem dúvida, a sua força principal.

Todos os mestres da nacionalismo francês, de Bainville a Barrés, e de Poincaré a Mangin, consideraram a fronteira do Reno indispensável à segurança da França. Mas, circunstância que não é para desprezar, entre a primeira e a segunda guerra mundial, um homem de Estado britânico, Stanley Baldwin, lembrou-se de constatar, o que aliás saltava à vista de toda a gente, que não era apenas a segurança francesa que dependia da solidez da fronteira renana, era também a segurança inglesa. A constatação d'êste facto, que tomou uma significação definitiva depois que a Luftwaffe bombardeou as cidades britânicas sem que nada pudesse opor-se à acção das suas esquadrilhas, contribuiu, decerto, mais para que se reflectisse sobre o pedido da França do que todas as razões históricas e militares, políticas e morais que os nacionalistas franceses porventura pudessem invocar em favor da sua tese.

Às vezes as grandes coisas dependem de pormenores insignificantes. É possível que a satisfação desta reivindicação secular venha, em última análise, a resultar da atenção que um estadista britânico se lembrou de prestar a uma realidade que para todos os espíritos no continente se tinha transformado há muito num comensal lugar comum.



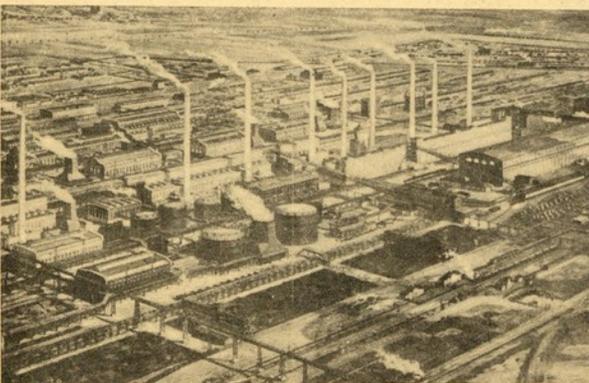
Antes da sua entrada em Paris, onde instalou o governo provisório francês da sua presidência, o general De Gaulle visitou o general Eisenhower no Quartel General aliado, onde tratou com o grande chefe militar americano de problemas militares que se prendiam com a libertação da França.



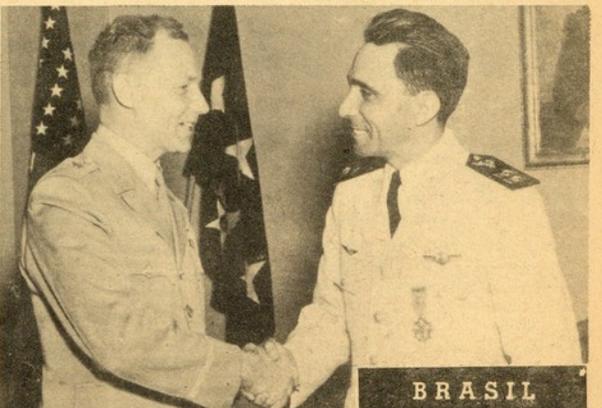
Com o equipamento completo, estes novos soldados chineses marcham pelas ruas de Kweichow, no sul da China, a caminho da frente, para atacarem as posições nipónicas na via férrea Honkow-Cantão.



Uma fotografia curiosa do marechal Tito. O comandante do Exército de Libertação da Jugoslávia jogando o xadrez com um dos oficiais do seu Estado-Maior na cave do seu Quartel General, nas montanhas.



Um aspecto gigantesco das fábricas do Ruhr, grande centro de produção de guerra germânico, agora seriamente ameaçado pelo avanço aliado



O brigadeiro Donald Wilson, adjunto do chefe do Estado-Maior da Aviação Americana, felicita o tenente-coronel Clovis Monteiro Travassos, da aviação brasileira, depois de lhe haver entregue a medalha da Legião de Mérito com que foi condecorado pelos Estados Unidos por serviços prestados no estabelecimento e manutenção da defesa aérea do nordeste do Brasil.



Nesta casa pequenina nasceu Salazar

QUANDO, há anos, morreu o pal do sr. Presidente do Conselho, tôdas as grandes figuras da actualidade política desfilarão por aquela casinha que volta as costas para a estação de Santa-Comba-Dão e se debruça, pequena e gentilmente, à beira da estrada. Como aquêles que passam de automóvel e a contemplam na sua simplicidade honesta, os ministros, a gente do corpo diplomático, pararam para perguntar, como o haviam dito de Pom- bal:

— Um homem tão grande cabe numa casa tão pequena?
 Oliveira Salazar nunca esqueceu a sua casa, aquela onde porventura nasceu, onde bebeu os primeiros ares da leitura e se lhes formou o espírito, no regresso do Colégio do sr. Padre Barreiros, à Via-Sacra, em

Viscu. Muitas vezes se terá sentado no degrauzinho da entrada, a cismar nas lições e na profundidade dos conceitos que aprendia, muitas vezes terá partido dali, sacola ao ombro, a caminho da escola em Santa Comba-Dão, dois passos do Vimieiro, onde nasceu.

Com o tempo, porém, a casinha que era simples e onde não faltava o arcaz do pão nem a candelada do azeite — também se modificou. Aqui a vemos, numa foto de Plácido Barbosa, tal qual ficou depois das obras e ampliações a que a sujeitaram os architectos de Lisboa, sob a orientação do sr. Presidente do Conselho, que não quis que ela perdesse o jello simples e português da Beira.

Essa casa será um dia monumento nacional?

Quem o duvida?

FALA-SE ESTA SEMANA

DINIZ BORDALO PINHEIRO

FERREIRA DA COSTA



Acaba de deixar o seu lugar de director em Portugal da Agência Reuter — a grande agência inglesa de informações — o illustre director do

«Jornal do Comércio». O facto merece relevo, pois no tempo que levou no desempenho desse cargo, Diniz Bordalo Pinheiro pôde prestar à Imprensa portuguesa, num período de emergência bastante difícil e delicado para ela, serviços e facilidades que esta, em boa justiça, não deverá esquecer, e que sem a sua intervenção inteligente e sem o seu prestígio em Londres, talvez não tivessem sido possíveis. Por isso sentimos vê-lo abandonar uma posição de onde poderia continuar a prestar uma colaboração valiosa aos jornais diários do nosso país.

METZNER LEONE



Se bem que a critica nem sempre tivesse sido lisonjeira para este primeiro romance de Metzner Leone, o que não há dúvida é que «Uma mulher nua» obteve a consagração do público.

A prova é que a 1.ª edição se esgotou em pouco tempo, tendo sido já posta à venda a 2.ª edição desta obra, desta vez com um vibrante prefácio do autor, que é precisamente uma resposta à critica, o que lhe vem acrescentar um novo motivo de interesse e de discussão.



Raras vezes se terá escrito livro de leitura tão atraente, para nos falarem da selva, da monumental paisagem africana, do que é a vida

noutros climas tão diferentes deste em que vivemos, não obstante o outro ser também o nosso. Ferreira da Costa, jornalista que marcara já na reportagem, escreveu «Na pista do marfim e da morte» — mais do que um livro de impressões objectivas, uma reportagem romaneada, pensada e vivida no sentido subjectivo. Cremos que o público e a critica vai debruçar-se curiosamente sobre este livro e collocá-lo no melhor lugar do seu aprêço, porque o merece.

UMA EXPLICAÇÃO

Com o pedido de publicação, recebemos do nosso colaborador, sr. Antunes da Silva, uma pequena nota explicativa que, por motivos alheios à sua e à nossa vontade, só hoje podemos publicar:

«Tendo-me sido apresentado, pela Comissão Administrativa do Grémio da Lavoura de Évora e Viana do Alentejo, um processo disciplinar relativo a um «conto» publicado nessa conceituada Revista no dia 27 de Janeiro próximo passado, venho pedir-lhes que, por intermédio das vossas colunas, seja explicado o seguinte:

Que não pretendi, no conteúdo do meu «conto», intitulado «Escritórios», atingir jôsse quem fôsse, na sua dignidade ou no seu tratado. E se, porventura, nas personagens que movimento, há alguma analogia com pessoas que se julquem atingidas, refuto tal pretensão, e afirmo, categoricamente, que foi pura coincidência de que me penitencio mas de que não pude nem posso fugir em tôda a minha labuta literária.

De V., etc. — (a) Armando Antunes da Silva — Évora, 8 de Setembro de 1944.

VINDIMEIRAS 1944



Sorrisos entre videiras



Grupo de concorrentes do Concurso de Chapéus



Duas gentis húngaras nas vindimas da Curia



Uma graciosa vindimeira



Depois das vindimas comem-se as uvas...

REALIZAM-SE todos os anos na Curia as «Grandes Festas das Vindimas», organizadas pelo Curia Palaca Sports Clube, e que resultam sempre brilhantíssimas e cheias de beleza e alegria.

Este ano acorreram àquela cprazível estância de turismo centenas de pessoas, entre as quais muitas personalidades de destaque, como o sr. Ministro da Justiça.

As festas, que tiveram lugar nas vastas propriedades anexas ao Palaca Hotel e em que tomaram parte gentis senhoras, começaram pelo Concurso dos chapéus, seguindo-se à noite no «dancing» da Piscina-Praia o «Grande baile das Vindimas», no decurso do qual se procedeu ao «Concurso dos Vestidos de Chita» e aos Jogos Florais.

No Concurso dos Chapéus foram classificadas Mademoiselles Maria del Carmen de Castro Costa, Georgina de Góis e Maria das Dores Góis; no dos Vestidos de Chita, Mademoiselles Lita de Seabra, Maria del Carmen de Castro Costa e Maria Libânia Ferreira da Cunha; e, finalmente, nos Jogos Florais, as sr.ªs D. Maria dos Dores Jorge Góis e D. Maria Amélia de Seabra Menano.

De tão elegantes festas, caracteristicamente regionais, damos alguns aspectos.

PROBLEMA N.º 17

O mistério da trapezista assassinada

Continuamos a avisar: não basta indicar o culpado. Torna-se necessário apresentar razões lógicas que levem a essa conclusão. E, sobretudo, não esquecer de apontar as provas fundamentais sobre que se pode basear uma dedução perfeita.

E avisamos também que o prazo para a recepção das soluções é irrevogavelmente o que indicamos, pois por motivos de ordem tipográfica não podemos ir mais além.

Esperamos de que os nossos leitores compreendam a insistência destes avisos, louvamos todos, sobretudo os mais assíduos, pela compostura e pelo mérito que têm revelado nesta primeira série dos nossos problemas de «Mistério e Aventura».

As soluções do problema n.º 17 devem ser enviadas até ao dia 27 de Setembro.



1 O inspector Hannibal Cobb foi informado de que uma companhia ambulante de circo estava a dar, com uma regularidade que se tornava suspeita, espectáculos em certas áreas onde se encontravam instaladas fábricas de material de guerra.

Por esse motivo, encarregou o agente secreto Jim Hogan, que se conseguira introduzir na companhia, de procurar esclarecer o que havia. «Mas, aconteça o que acontecer, você não comunicará nem comigo nem com ninguém do Departamento de Investigações. Se houver qualquer coisa de subversivo nos manejos dessa gente, você deverá resolver o assunto por sua conta e risco. Seja feliz!»—acrescentou Cobb à despedida.

2 Três semanas depois, quando a Companhia realizava um espectáculo num subúrbio próximo, a trapezista principal, Rose O'Dell, apareceu morta. Ao proceder-se a investigações, Cobb verificou que Rose fora estrangulada na barraca que lhe servia de camarim. As únicas marcas encontradas no cadáver e no vestido eram manchas de tinta gordurosa. Nas mãos havia uns pequenos arranhões recentemente feitos. Cobb notou sinais de luta.



3 Quando o inspector falou com Hogan, cujo torso, braços e mãos estavam grotescamente pintados com tinta gordurosa visto êle desempenhar o papel de Gabu, o feiticeiro duma tribo de selvagens, num extracto cómico, nenhum dos dois deu mostras de se conhecerem.

O director da Companhia, Otto Prah, declarou: «Depois do último número, vi Gabu sair furtivamente da barraca de Rose. Entrei e fui encontrar Rose morta. Não fiquei surpreendido. Gabu perdera a cabeça com a rapariga, e eu ouvi-a dizer-lhe que o odiava. Também ouvi Gabu ameaçá-la». Hogan exclamou: «E mentira! Rose pedira-me para ir falar com ela ao camarim...».

4 Depois de dar entrada na barraca que ocupava, Hogan prosseguiu: «Ele tinha-me dito que precisava falar comigo sobre um assunto muito importante. Mas, ela já estava morta quando lá cheguei». Cobb perguntou: «Você mexeu em alguma coisa?». Hogan respondeu que não. O inspector continuou: «Mais alguém usa essa tinta gordurosa durante o espectáculo?». Resposta de Hogan: «Não. Apenas eu. Nova pergunta de Cobb: «Foi a Rose que lhe ofereceu esta fotografia?». Hogan acenou a cabeça negativamente: «Roubei-a!».

Cobb olhou-o incrédulamente. Seria o agente secreto o assassino? Porquê?

(Ver a solução no próximo número).

CORRESPONDÊNCIA

FILIFE DE AGUILAR (Pôrto)—Queira enviar-me então a cópia da sua solução ao problema n.º 12. Sobre o problema n.º 13, acho que deve estar satisfeito.

IVONE COSTA (Lisboa)—Sinceramente, não compreendo a sua dúvida sobre os «a» Repórter Misivário. Desde que nasci pertencendo ao sexo masculino (e mesmo um pouco antes de nascer já pertencia...).

«PHILO VANCE» (Setúbal)—Sobre o primeiro assunto, leia a resposta a Ivone Costa. Quanto à solução do problema n.º 14, ambos temos razão.

A. F. DA COSTA E CASTRO (Pôrto)—Comunico o seu pesar de não se sentir ultimamente acompanhado, como era costume, no «Quadro de Mérito», por «A Curiosa Lili Mala», da Figueira-da-Foz. Mas, na verdade, desde que Alberto de Oliveira a repleta, ela não mais entrou no Concurso. Questões deolvado, talvez...

JOSEPH FOUCHÉ (Lisboa)—Para a questão da troca de correspondência deve enviar-me a sua morada e as cartas que quiser. Depois, eu remeterei as cartas aos devidos destinatários. Do mesmo modo, enviá-lhe-ei as cartas que vierem para você.

O HOMEM DO CACHIMBO, ISABEL DE OLIVEIRA, DOIS CACHIMBOS FUMEGANDO e ARTURO SILVARI (todos de Lisboa)—As vossas soluções do problema n.º 15 estão bem apresentadas e têm o mérito dum bom estilo. Simplesmente... faltalhes a prova capital da qual o inspector Niegel partiu para a sua dedução. Por isso, não entram no «Quadro», ainda que tenham direito, cada um, a uma «menção honrosa».

SETE DE ESPADAS, AGUALVA e ISRAEL FERREIRA (Lisboa)—Vocês andam em maré de azar... ou de descaído. Não só falharam um problema com enviamar tardissimo as soluções do problema n.º 14.

REPORTER MISTÉRIO

Quadro de mérito policial dos solucionistas do problema n.º 15 (Por ordem alfabética)

- (1) A. Faria de Aboim (Lisboa).
- (1) A. F. da Costa e Castro (Pôrto).
- (4) Adolfo Lima (Famalicão).
- (1) Agente Ferdol (Lisboa).
- (6) Agente Felinhas (Lisboa).
- (1) Agente Romello (Faro).
- (2) Agente Z (Coimbra).
- (9) Alberto de Penamacor (Coimbra).
- (11) Alberto de Oliveira (Lisboa).
- (11) Amador X (Lisboa).
- (5) António Alberto Paradelo (Amadora).
- (5) António C. Bernardo (Loures).
- (8) Armando Cachofel (Pôrto).
- (3) Armando Faria (Covilhã).
- (2) «Arsene Lupin» (Lisboa).
- (11) Artur Varatojo (Lisboa).
- (2) Aspirante (Alcoentre).
- (1) Augusto Barata (Coimbra).
- (2) Az, detective amador (Lisboa).
- (6) Carlos Idães (Lisboa).
- (11) Carlos Plácido de Sousa (Lisboa).
- (5) Charlie Chambera (Lisboa).
- (2) Detective Coca-Bichinhos (Pôrto).
- (11) Detective de Calças (Braga).
- (7) Detective Improvisado (Lisboa).
- (1) Detective Enrascado (Lisboa).
- (1) Detective Vaos (Lisboa).
- (7) Ele e Eu (Lisboa).
- (7) Fanasha (Coimbra).
- (13) Fernando Edgar Trigo (Ermezinde).
- (6) Fernando Piedade (Lisboa).
- (4) Fernando Rosa (Leiria).
- (1) Fernando Serra Ribeiro (Albarraque).
- (10) Filipe de Aguilár (Foz do Douro).
- (2) Francisco Aguilár (Oliveira do Douro).
- (4) G. Bramão de Miranda (Monte Estoril).
- (5) Helena Soares (Lisboa).
- (12) Henrique Fernandes (Estremoz).
- (1) Homem-Lua (Lisboa).
- (2) Inspector Manardo (Setúbal).
- (2) Inspector Serrano (Faro).
- (12) Israel Ferreira (Lisboa).

SOLUÇÃO DO PROBLEMA N.º 16

Lembrando-se de tudo o que se passara durante as investigações do caso de Bob Carter, o inspector compreendeu que havia uma mentira grave nas declarações da bonita Rose Wyndham.

De facto, ela dissera que Bob Carter caíra ao mar, quando ambos tinham trocado de lugares, no barco. Mas ao examinar o barco, o inspector constatará que a lancheira do almoço estava aberta, com tudo no seu devido lugar, sem que faltasse coisa alguma, e que a «thermuss» do chocolate estava de pé junto da lancheira.

Ora, era praticamente impossível que Bob Carter se tivesse desequilibrado e caído ao mar, sem que os objectos da lancheira saltassem fora do seu lugar e a «thermuss» tombasse e possivelmente derramasse o chocolate, pois o balanço do barco nessa altura devia ser grande.

Portanto, Rose mentia. E se mentia, é porque o caso não fora tão simples como ela queria fazer supor. Assim, o inspector submeteu Rose a um severo interrogatório, e Rose acabou por confessar que fora a autora da morte de Bob Carter, levada pelo ciúme, porque o sabia enamorado de outra mulher.

Com uma astúcia verdadeiramente feminina, Rose narcotizara-o em terra, depois arrastara-o para o barco e atirara-o ao mar, simulando um afogamento.

Não se esqueceu de por menor algum. Mas foi perfeita em demasia. Tão perfeita que se desmascarou só pelo facto de não se lembrar que a lancheira e a «thermuss» não podiam ser indiferentes à pseudo queda de Bob Carter.

E, além disso, porque dizia ela que a sua roupa estava a secar, se, por outro lado, afirmara que não sabia nadar?

Tudo comédia, afinal!

- (10) Ivone Costa (Lisboa).
- (1) J. L. Carrigo Portugal (Leiria).
- (13) João Alberto Gouveia (Lisboa).
- (4) João Pereira de Freitas (Monte Estoril).
- (6) José Bálamo (Lisboa).
- (3) José Mano (Paredes).
- (5) Joseph Fouché (Lisboa).
- (6) J. Simões (Caldas da Rainha).
- (14) Leiria Dias (Lisboa).
- (2) Manuel de Melo Bargão (Fórnia).
- (11) Manuel Pereira Soares (Macedo de Cavaleiros).
- (12) Manuel R. Moraes (Lisboa).
- (1) Maria Madalena (Lisboa).
- (15) Maria Paula Pedro (Barreiro).
- (9) Mário Claro da Silva (Pôrto).
- (4) Mário Marques Duque (Lisboa).
- (6) Mário Martinho Pereira (Lisboa).
- (2) Mário Mota (Coimbra).
- (2) Mina (Alhandra).
- (10) Mimi Sherlock Holmes (Lisboa).
- (5) M. L. N. (Luso).
- (4) Mr. Moto II (Lisboa).
- (4) Mr. Smith (Algés).
- (11) M. S. A. (Coimbra).
- (14) Natércia Pereira Leite (Lisboa).
- (1) Nehael (Lisboa).
- (7) Nick Carter Jr. (Lisboa).
- (6) O Cavaleiro da Triste Figura (Alhandra).
- (11) O Falcão (Pôrto).
- (8) O Lobo Solitário (Pôrto).
- (1) Oto-Kismo (Lisboa).
- (6) Pad-Zé (Lisboa).
- (7) «Philo Vance» (Setúbal).
- (12) Rapsag (Setúbal).
- (10) Repórter X (Lisboa).
- (1) Ricardito da Guelfa (Guelfa).
- (9) Rómulo (Lisboa).
- (9) R. P. (Lisboa).
- (5) Sálvio Juliano (Esmoriz).
- (9) Scharco (Alcobaca).
- (4) Sete de Espadas (Aguilva).
- (10) Simara (Lisboa).
- (12) Timoso n.º 1 (Loulé).
- (14) Zirteba (Lisboa).



**EMISSIONES DOS ESTADOS UNIDOS
EM LINGUA PORTUGUESA**

(RECORTE ESTA TABELA PARA REFERENCIA FUTURA)

Horas	Estações	Ondas	Estações	Ondas	Estações	Ondas	Estações	Ondas
11,45	WRUS	30,93	WRUA	25,45	WKLJ	30,75		
12,45	WRUS	19,83	WRUA	25,45	WGSO	19,56		
13,45	WRUS	19,83	WRUA	26,45	WRUW	25,56	WBOS	19,74
16,45	WRUS	19,83	WRUA	25,45	WRUL	19,57	WRUW	16,91
17,45	WRUS	19,83	WRUA	25,45	WRUL	19,57	WRUW	16,91
18,45	WRUS	19,83	WRUA	25,45	WRUW	16,91		
19,45	WRUS	19,83	WRUA	25,45	WGEA	25,33	WGEX	16,78
a (Meia hora de programa especial)								
20,15								
20,45	WRUS	19,83	WRUA	25,45	WGEO	19,57	WGEX	16,78
21,45	WRUS	19,83	WRUS	30,93	WRUL	25,58	WKLJ	30,77
22,45	WRUS	19,83	WRUS	30,93	WKLJ	30,77		

«A VOZ DA AMÉRICA» em português pode ser também escutada por intermédio da «B. B. C.» das 18,45 às 19.

EMISSIONES DIARIAS

OIÇA a VOZ da AMÉRICA em MARCHA



NÃO O EMPREGUE NUM TRABALHO DE QUALIDADE DUVIDOSA

OS ATELIÊRES GRÁFICOS
BÉRTRAND (IRMÃOS), L. DA
Trav. da Condessa do Rio, 27 - LISBOA - Telef. P. B. X. 21368 - 21227

EXECUTA COM A MÁXIMA
PERFEIÇÃO E RAPIDEZ
TODOS OS TRABALHOS DE

**FOTOGRAVURA
TIPOGRAFIA
OFFSET E
LITOGRAFIA**



NOVOS DISCOS PORTUGUESES

DESTINADOS AO MAIOR EXITO

CANTO

ac. guitarra e viola

EQ 347 — Descreença — fado
Sempre linda — fado



2 FADOS CASTIÇOS INTERPRETADOS POR FERNANDO FARINHA O FAMOSO "MIÚDO DA BICA" NUMA FELIZ GRAVAÇÃO

DUETO DE ACCORDÉONS

pelos IRMÃOS ALEIXO



EQ 348 — Periquito — corridinho
Taréco — corridinho

EQ 349 — Baírrista — corridinho
Extremoz — corridinho

EQ 350 — Minhôto — vira
Alfacinha — vira



NÚMEROS DE CARÁCTER POPULAR, EXECUTADOS MARAVILHOSAMENTE EM ACCORDÉONS PELOS 2 CONSAGRADOS ARTISTAS

em gravações

«His Master's Voice»



EXPEDIÇÕES PARA A PROVINCIA: — EM 1 OU 2 DISCOS, AUMENTE-SE AO SEU CUSTO \$500, PARA PORTE E EMBALAGEM. A PARTIR DE 3, TODOS OS GASTOS SÃO DE NOSSA CONTA.

Est. Valentim de Carvalho

R. NOVA DO ALMADA, 97

AO SOL
sem
queimaduras
só com **Bronzisol**
protege
e
Bronzeia a pele

ACADEMIA CIENTIFICA DE BELEZA
AV. DA LIBERDADE, 35 - LISBOA - TEL. 21866

M^o CAMPOS

UMA GOTTA DE «HERPETOL»

e o desejo de coçar passou. A irritação é dominada. A pele refresca-se e o alívio começa

«HERPETOL»

é um medicamento sério e certo para todos os casos de ECZEMA (humido ou seco), crostas, feridas, erupções, ardências na pele, etc. ATÉ HOJE AINDA NÃO APARECEU COISA MELHOR

A venda em todas as farmácias e drogarias

Preço avulso: 11\$00



Uma defesa permanente contra as bactérias e uns dentes são e boias terá V. Ex. na boca se usar:

Sulfadentina

A 1.ª Pasta Dentifrica com Sulfamida

Preço : Tubo médio 10\$50
» » grande 15\$00



A beleza da linha consegue-se usando os produtos NOSEL

Água de Colônia
Seda líquida
Pó de arroz
Creme dental
Báton

O Livro do Momento
**A PRIMEIRA ALIANÇA
PORTUGUESA**
Por RAFAEL LARÇAL

A RECEITA DA SEMANA

TORTA DE LARANJA

Manteiga 150 grs.
Açúcar 150 grs.
Farinha 400 grs.
Ovos 3 gemas
Claras batidas 3
1 taça de sumo de laranja
Raladura de uma laranja.

Coloca-se num recipiente a manteiga com o açúcar e mexe-se muito bem com uma colher de madeira. Juntam-se-lhe em seguida as gemas dos ovos, o sumo e a raladura de laranja, e a farinha deitada a pouco e pouco. Entretanto, vai-se batendo com força. Depois, deitam-se as claras batidas em castelo e mexe-se novamente muito bem, até que tudo fique bem ligado. Deita-se depois em

Respondendo às leitoras

«Nas tardes frescas do Estoril, neste mês de Setembro, gosto de passear no «Tamariz». Mas, como tenho de andar quasi sempre de casaco branco aos ombros, tenho sempre a impressão de vestir a mesma coisa. Pode você dar-me alguma solução?»

ESTORILENSE

A única solução que me ocorre para o seu caso é inspirada no segundo modelo da página feminina da «Vida Mundial Ilustrada» de 24 de Agosto deste ano, é claro.

Segundo depreendi, você tem vestidos bonitos que gostaria de ver brilhar. Porque não arranja uns forros desmontáveis para o seu casaco branco, de acordo com os tons dos seus vestidos? Repare como é interessante o conjunto do modelo que lhe indico, publicado em 24 de Agosto.

Isto é o que de melhor lhe posso indicar, pois desconheço os modelos dos seus vestidos. Você é que poderá ver a qual se adaptará, por exemplo, uma espécie de coléte sem mangas, em fazenda ou em stricots no mesmo tom do vestido ou num tom que predomine no conjunto, podendo ainda, se o coléte for liso, aplicar-lhe os desenhos do vestido.

«Tenho o cabelo já com pouca permanente e ando por isso sempre despenteada e sem graça. Contudo, o meu cabeleireiro aconselhou-me a esperar mais um tempo porque — diz ele — apenas está capaz para smises».

Estou desolada e não sei que fazer. As «smises» duram-me dois dias, e o meu cabelo está tão feio assim...

Dê-me um conselho: devo ou não esperar mais um tempo para fazer permanente?»

UMA MARIA SEM GRAÇA

Se, na realidade, a sua permanente ainda não chegou a fim, creio, querida leitora, que será preferível conformar-se e pentear-se o melhor que puder com boa brilhantina e esperar mais algum tempo. De contrário, poderá queimar e estragar, sem necessidade, o seu cabelo.

Quando estiver aborrecida, pense no momento em que a sua cabeça ficará bem arranjada e bonita, sem perigo de futuro! Talvez isso lhe dê um pouquinho de paciência!...

fôrmas, previamente untadas de manteiga e pulverizadas com farinha, e vai cozer a forno moderado por um espaço de quarenta minutos, aproximadamente.

Faz-se depois um creme com açúcar, laranja e uma gema de ovo. Bate-se o creme muito bem até que fique espesso.

Depois de retirar do forno e de deixar esfriar as tortas, coloca-se um pouco desta mistura em cima de uma das capas. De seguida, coloca-se sobre a primeira, a outra capa. E com o resto do creme unta-se toda a torta, deixa-se secar e decora-se com frutos cristalizados.

PAGINA FEMININA

Esperteza de jornalista

QUANDO Sarah Bernhardt esteve nos Estados Unidos e passou por S. Francisco, foi apresentada a um rapaz elegante e simpático, cronista da cidade e representante de vários jornais e da «Associated Press».

A figura distinta de Sam Davis — tal o nome do cronista de S. Francisco — e a corte discreta que este lhe fazia, agradaram de tal forma a grande artista que, por momentos, se julgou apaixonada.

Desorientada consigo própria, e receosa de ver caminhar a passos largos a viva simpatia que Sam lhe inspirava, quasi sentiu prazer no dia em que embarcou de regresso à França.

Contudo, à medida que a hora decisiva se aproximava, Sarah Bernhardt começava a sentir uma espécie de languida tristeza. No cais, o meigo olhar de Sam Davis não a deixava um momento sequer. O cronista queria estar presente à partida do navio donde Sarah Bernhardt, deabalada para a Europa, lhe diria o último adeus. Ele estava disposto a não abandonar o cais, antes de ver o navio desaparecer no horizonte como uma réstia de poeta.

E esse último momento chega. O olhar ansioso de Sam parece uma súplica. Em volta, os amigos e admiradores de Sarah Bernhardt ameaçam monopolizá-la. Então, a artista, num gesto resolutivo, aproxima-se de Sam Davis e, inesperadamente, dá-lhe um beijo na orelha esquerda, tentando agradecer:

— Este beijo é para o vosso jornal «Appeals».

Em seguida, beijando-o na outra orelha:

— Este, é para o «Examiner», em que você também colabora.

Depois, olhando-o bem de frente, diz-lhe ainda, numa voz mais «coquette», antes de o beijar nos lábios:

— Este, é exclusivamente para você!

Nesse terceiro beijo, a artista pusera toda a sua alma, num encantamento de que fora cúmplice aquêle ambiente do cais, dos apitos do navio, da saudade do momento que passa!

Sam Davis fica deslumbrado. Nunca pensara em tamanha demonstração pública. O coração pula-lhe no peito desordenadamente. Desejaria agarrá-la, levá-la dali, roubá-la àquela multidão de admiradores que os olham estícticos.

Sarah Bernhardt fita-o uma vez mais, lisonjeada com aquêle deslumbramento e faz um ligeiro gesto para se afastar, finalmente. Mas Sam Davis parece ter já recuperado o sangue frio. E lembra-se que Sarah Bernhardt lhe dera dois beijos em homenagem a dois dos seus jornais. Então, uma idéa lhe ocorre de repente e o seu olhar torna-se brêjeiro. Sorrindo, aproxima-se um pouco mais da artista e diz-lhe, gaiato e respeitoso, simultaneamente:

— Madame, permito-me lembrar-vos que represento, também, a Associated Press, a qual serve 380 jornais no Oeste...

E diante dela, triunfante e galhofeiro, fica como que a aguardar essa torrente de 380 beijos!...

MARIALIA

A moderna alimentação americana

LEMOS, há poucos dias, numa revista sul-americana um curioso artigo de George Poindexter sobre a moderna alimentação. Els, leitoras, em resumo, alguns exemplos do que, talvez de futuro, faça parte das nossas ementas: Uma tablete de cereais e carne — composto que, por si só, contém o correspondente a uma refeição.

Todavia, se nos não bastar, temos ainda um comprimido de espinafres, um reduzidíssimo comprimido, podendo conter um cesto de espinafres reduzidos a pó.

Quando pensámos nós que havíamos de comer tanto em tão pouco tempo!...

Mas, se em vez de vegetais preferirmos bolinhos de barbo ou outra espécie de peixe, basta para isso cortar-lhe a cabeça e extrair-lhe as vi-

ceras e a cauda, cosê-lo muito bem e depois ser moldado e enrolado a massa resultante em bolinhos pequenos, que serão herméticamente enlatados.

Como sobremesa, para os que não dispensem a fruta, poderemos apresentar uma tableta que parecerá de chocolate mas não será mais do que banana preparada da seguinte forma:

No próprio local onde é produzida, a banana é desidratada e enviada depois a uma fábrica encarregada de a pulverizar — casca e miolo — e misturar com açúcar e pó de coco. Só então é moldada em tabletas de cor escura mas de gosto agradabilíssimo. Quanto a vitaminas, parece que as possui em muito maior abundância.

Que dirão disto, porém, aquêles que tiverem o prazer da mesa!...

OS NOSSOS MODELOS

1) Aqui tem, leitora, um casaco de xadrez largo, verde e branco, sobre calções de lá branca. (Pedido de Maria do Mato).

2) Já reparou como é práctico e vistoso este modelo em que a mala é igual ao vestido? Se o copiar, decerto gostará.

3) Outro modelo que servirá a Maria do Mato: calção castanho, blusa às riscas verde e castanho e casaco «sport» verde.





VINHO DO PORTO

tem o
sêlo de garantia

DO INSTITUTO DO VINHO DO PÔRTO



Romance da digestão

II

AVENTURAS DENTRO DUM TÚNEL VIVO

O aparelho digestivo consiste numa série de tubos e câmaras através dos quais passa a comida, e duma bateria de glândulas que produzem substâncias desintegradoras.

A primeira oficina onde começa a desmontagem das moléculas das substâncias que constituem os alimentos, para as adaptar ao organismo — é a boca. Depois de engolido, o alimento leva seis segundos a chegar ao estômago através de um canal de 25 centímetros chamado esôfago. O esôfago realiza movimentos automáticos — movimentos peristálticos — que empurram o alimento para o estômago com tal energia que é possível engolir de cabeça para baixo.

O estômago executa também movimentos vagarosos com que os alimentos são amassados e misturados no processo da digestão. Além disto, possui milhares de glândulas segregando o suco gástrico. O suco gástrico é ácido, contendo um pouco de ácido clorídrico, e inclui enzimas: a pepsina, que ataca as proteínas; a lipase, que actua sobre as gorduras. Este suco começa a ser produzido cinco minutos depois da deglutição, e vai embecendo a massa dos alimentos dando origem a modificações de grande importância. O alimento permanece uma hora no estômago, pelo menos, e o resultado final é uma pasta mole, levemente ácida, chamada quimo.

A abertura pela qual o estômago comunica com o duodeno, que é a primeira porção do intestino delgado, é o piloro, defendido por um poderoso anel muscular — sentinela vigilante que não consente que nenhum alimento passe para os intestinos antes de convenientemente tratado pelo estômago. A medida que prossegue a digestão, tornando-se as contrações mais poderosas, o piloro começa a abrir-se; a cada onda de contrações, um pequeno facto de quimo passa para o intestino, e assim por diante até que toda a massa transformada deixe o estômago.

O intestino delgado é um tubo de cerca de seis metros de comprimento, enrolado em curvas complicadas. É possível distinguir duas partes no intestino delgado: na primeira o processo digestivo é completado; na segunda, dá-se principalmente a absorção dos alimentos pelo sangue. A cerca de 10 centímetros do piloro desemboca um tubo que traz, pelos dois ramos em que se divide, o suco produzido por duas glândulas digestivas importantíssimas: o fígado e o pâncreas. A primeira produz a bilis (fel); a segunda fabrica o suco pancreático. Mas há ainda outro suprimento de fermentos: as paredes intestinais têm minúsculas pequenas glândulas produtoras do suco intestinal ou entérico. Estas várias secreções não só actuam sobre o alimento como reagem umas sobre as outras. A tripsina e a erepsina, dois enzimas fornecidos pelo pâncreas e pela parede intestinal, atacam as proteínas que ainda restam, dissociando-as completamente em amino-ácidos. Também os hidratos de carbono (como o amido da batata ou o açúcar) nesta altura estão convertidos em glicose assimilável.

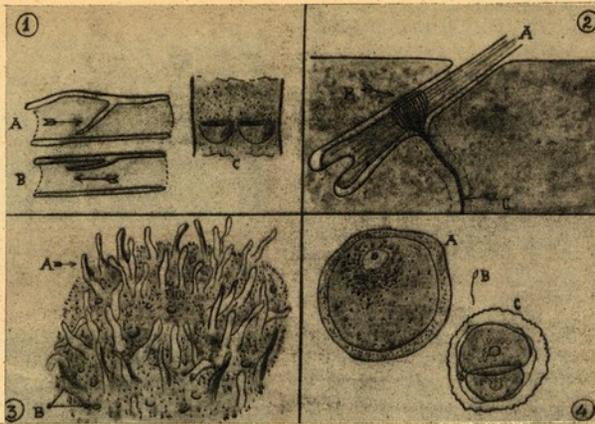
As gorduras são assaltadas por certas substâncias contidas na bilis: os sais biliares, que as dividem em partículas mínimas. Neste estado são atacadas pela lipase, enzima fabricado pelo pâncreas, que as segmenta em ácidos gordos e glicerina.

Além dos enzimas, entra nesta região em acção uma outra substância importante, fornecida pelo pâncreas, o carbonato de soda. Os enzimas mencionados são inactivos em meio ácido, por isso é necessário neutralizar a acidez do quimo antes que eles iniciem as suas funções: este papel cabe ao carbonato de soda.

A superfície interna do tubo intestinal apresenta miríades de pequenas projecções, as vilosidades, com cerca de um milímetro de comprimento. Enquanto se faz a digestão, essas saliências estão em constante movimento, vibrando, torcendo-se para um lado e para outro. É através das vilosidades que a nutrição penetra no sangue.

Em seguida, as substâncias absorvidas são levadas pela corrente sanguínea para o fígado. O fígado age sobre os elementos nocivos presentes no sangue provindo dos intestinos; e se o açúcar absorvido pelas vilosidades for excessivo para as necessidades orgânicas, o fígado armazena as sobras sob a forma de glicogénio; ou ainda é capaz de levar adiante a dissociação das proteínas, para as converter em hidratos de carbono, se houver deficiência de combustível mas excesso de proteínas.

Quando a digestão está concluída, ainda resta um resíduo da refeição formado de substâncias sem valor nutritivo e outras que seriam úteis se se dispusesse de aparelhos químicos adequados. Calcula-se que cinquenta por cento das fezes humanas, excluindo a água, são constituídas por micróbios vivos e mortos. Tal o bom ambiente que o intestino grosso apresenta para os micróbios.



Quatro mistérios

1— O sangue só pode correr num sentido: Nas veias há válvulas que impedem a volta do sangue para trás. Em A e B vêem-se as válvulas em função; as setas indicam a direcção da corrente sanguínea. Em C vêem-se de frente as válvulas duma veia: têm a forma de bólsas. 2— Como os cabelos sentem: Cada pelo ou cabelo está envolvido, até atingir o exterior, por um tubo especial, o folículo piloso; o folículo não se ajusta ao pelo, e este, próximo da abertura para o exterior, é abraçado por uma cinta de fibras nervosas (B). Estando o pelo sóto dentro da bainha, o menor toque excita essas fibras, e parte um impulso pelo nervo C, para os centros nervosos. 3— Como o intestino absorve o alimento: Ampliando muito a parede interna do intestino, observam-se pequenos «dedos» ou vilosidades que absorvem o alimento e o fazem passar para o sangue. B, são as aberturas das glândulas produtoras de suco gástrico; no centro do desenho há um dispositivo oval: é um «posto de guarda» contra os micróbios. 4— A reprodução: A é um ovo ou óvulo, produzido no ovário da mulher; B é um espermatozide elaborado em órgãos especializados no homem; C, é o aspecto que toma o óvulo depois de fecundado, isto é, quando B penetra em A. E o ponto de partida para a geração dum novo ser.

Ensinando as ostras a fazer pérolas

QUANDO a ostra abre a sua concha e absorve a água que contém o seu alimento, este molusco descobre de vez em quando que acobheu dentro de si um hospede inoportuno. É possível que qualquer parasita tenha penetrado, e a ostra é forçada a acomodar-se à nova situação: lança camada sobre camada de nacar (madrepérola) à volta do parasita, e este acaba por ser embalsamado numa valiosa pérola branco-acinzentada, ou avermelhada, ou mesmo negra.

Nem todas as pérolas têm semelhante origem. Quando a ostra desova, acontece muitas vezes que um dos seus ovos não tem vida, e como não é lançado fora com as ostras, aumenta gradualmente de volume, visto ser alimentado pelos vasos sanguíneos do corpo materno. À medida que endurece, torna-se uma origem de irritação para a ostra, que começa a cobri-lo com nacar, fazendo de uma pérola da qualidade mais apreciada.

Duma maneira geral, só se pode esperar a obtenção de verdadeiras pérolas nas ostras dos mares quentes. Mesmo assim, é bastante contingente a descoberta de pérolas; podem-se pescar quinhentos e seis a achar uma sequer. Daí o ter-se procurado criar ostras.

Durante vinte anos o sábio japonês Nikimoto estudou o segredo da criação das ostras. Para avaliar as dificuldades de estudo, basta dizer que Nikimoto destruiu milhares de ostras antes de descobrir o processo de as manipular sem as matar.

Proseguindo nos seus trabalhos, Nikimoto abriu pequenos orifícios nas conchas e introduzia pequenos grãos de madrepérola na parte conhecida pela designação de «manto» da ostra. Porém, as ostras espantavam esta matéria estranha. Finalmente, depois de muitos anos de pacientes esforços, o professor Nikimoto descobriu que, envolvendo o grão num pequeno saco formado pelo «manto» doutra ostra, a ostra em que o grão era introduzido o conservava muito bem.

As ostras assim tratadas são viagradas durante seis ou sete anos. Mas não se julgue que ao fim deste tempo originam fatalmente pérolas. Em 40 % das ostras tratadas não se encontra pérola alguma. Quere isto dizer que 60 % das ostras tratadas dão resultados positivos, mas

Pedra feita de leite

GRAÇAS a uma descoberta casual, efectuada num laboratório europeu, as grandes fábricas de manteiga da Argentina, Nova-Zelândia, Austrália, Canadá, etc., estão convertendo o seu leite desnatado num material que forma um valioso sub-produto da sua indústria principal.

Eis como os factos se passaram: um gato entornou uma garrafa de formoldeído sobre uma prancha de madeira coberta de leite. O químico viu formar-se uma substância dura como chifre. Estava descoberto o processo de endurecer a caseína do leite, que forma cinco sextas partes dos constituintes azotados do leite.

Na fabricação da pedra de leite, a caseína é firmemente pulverizada, adicionando-se, então, as cores. O brilho, que é tão admirado, resulta da adição de vários pós metálicos. Os efeitos sedosos e dourados são produzidos da mesma maneira. Depois, o material é comprimido sob várias formas. E tem importância capital que o fabrico se realize fora de todas as poeiras, porque doutro modo os delicados efeitos de cor ficarão completamente estragados.

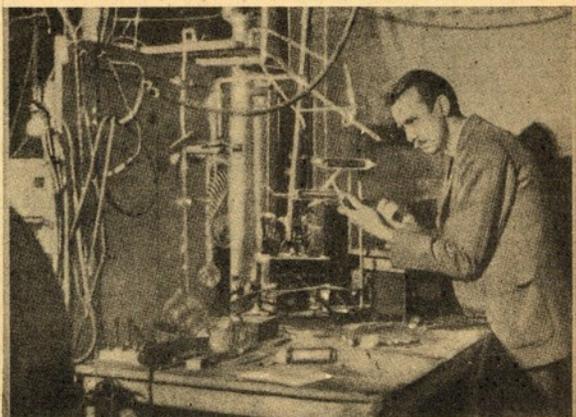
Os processos de endurecimento são feitos colocando a matéria semi-plástica em grandes tanques, onde é macerada, durante períodos variáveis, com formoldeído. O processo é muito vagaroso e depende do tamanho do objecto. Uma folha ou placa da espessura de 1/82 de polegada, por exemplo, leva dez dias a endurecer. Porém, uma folha de um polegada de diâmetro leva 300 dias para atingir o mesmo estado.

Estas substâncias, semelhantes à pedra, feitas do leite, podem ser torneadas, furadas e moldadas com grande facilidade. Conseguem-se imitações perfeitas da tartaruga, lapis-lazuli, âmbar, coral e jade.

Entre os objectos fabricados com esta nova matéria-prima, contam-se as placas para os aparelhos de T.S.F., para os computadores eléctricos, os puxadores dos móveis, cabos de garfos e de facas, pentes, botões, parte dos telefones, etc., etc.

Infelizmente as de valor comercial são só de 4 a 5 % da totalidade das ostras. Apesar de tudo, aparecem todos os anos milhares de pérolas «cultivadas» provindas dos parques de ostras do Japão.

RAIOS CÓSMICOS



Os raios cósmicos são radiações que não são produzidas no nosso planeta. O sábio norte-americano Millikan é de opinião que a sua origem está no espaço interstelar (entre as estrelas); este sábio julga ainda que todas as radiações cósmicas são os sinais hertzianos (de T. S. F.) da formação, no espaço interstelar, pelo menos, dos elementos mais pesados de que o universo é constituído. Os raios cósmicos entram na atmosfera na forma de puros fótons; um fóton é um fragmento de energia dum átomo descarregado através do espaço com a velocidade da luz. Os raios que penetram mais longe «assentam» finalmente em equilíbrio com raios secundários que eles, por assim dizer, apanham dentro da atmosfera terrestre. A foto mostra o dr. S. A. Korff com o seu telescópio de raios cósmicos, com o qual espera determinar a presença destes raios no espaço.

HISTÓRIA DA GUERRA

por Carlos Ferrão

Capítulo XXVI

Países ocupados — Noruega

POUCOS dias depois de ter sido nomeado o «Conselho de Administração» a que nos referimos, chegou a Oslo, com a designação de «Comissário do Reich para os territórios ocupados da Noruega», o «gauleiter» Terboven. Seria ele o chefe supremo da administração civil na Noruega e, para isso, fazia-se acompanhar por um numeroso Estado-Maior de peritos. Com esses peritos vinham muitos funcionários que deviam encarregar-se das várias modalidades e ramos de serviços, e também vários chefes de polícia, com o encargo de manter a ordem, e outros dos organismos policiais de segurança do Reich (Gestapo). De maneira especial, a chegada destes últimos deu aos noruegueses a convicção de que a ocupação do seu país seria prolongada e que ficariam sujeitos, durante todo o período em que ela durasse, a um regime especial de vigilância particularmente rigoroso.

No decreto do Fuhrer em que Terboven era nomeado Comissário para a Noruega afirmavam-se que as leis norueguesas continuariam em vigor durante todo o tempo que a ocupação durasse, e desde que não se revelassem incompatíveis com os fins militares que o Reich procurava alcançar na guerra. E, coisa surpreendente, no mesmo decreto constava-se, pela primeira vez, que a Noruega se encontrava em estado de guerra com a Alemanha.

Esta constatação revestia-se de uma importância incontestável. Desde que o Reich reconhecia a existência do estado de beligerância com a Noruega, as relações entre os dois países deviam passar a regular-se pelas disposições gerais do Direito Internacional que os dois países haviam subscrito, figurando um deles como potência ocupante, com todos os deveres de ordem internacional inerentes a esta condição.

Como se sabe, no caso norueguês não foi nada disto que se passou. O tratamento dado à Noruega passou a ser exclusivamente condicionado pelas necessidades de guerra do Reich, com todos os inconvenientes que daí resultaram para a população norueguesa, obrigada a viver num regime sem qualquer fundamento legal ou jurídico. Foi essa certamente uma das razões, talvez mesmo a razão principal, que criou entre a população norueguesa e as autoridades de ocupação, durante todo o período em que esta tem durado, um abismo insanável.

A FASE DA CAPTAÇÃO

A existência dum partido pró-nazi na Noruega e o prestígio das suas vitórias militares no continente levaram o Reich a pensar que lhe seria relativamente fácil conquistar a adesão da população norueguesa para os seus pontos de vista. Em 7 de Junho, data em que cessou a resistência na Noruega, o Fuhrer declarou solenemente que os alemães haviam entrado na Noruega como amigos e protectores deste país, afirmando que ele não fosse vítima duma invasão planeada pelas potências ocidentais: França e Grã-Bretanha.

Um dos primeiros actos do novo Comissário do Reich foi decretar a desmobilização das forças armadas norueguesas que haviam combatido a Wehrmacht, ficando, porém, em liberdade todos os oficiais e soldados. Este gesto criou nos meios militares noruegueses uma sensação de alívio, pois parecia indicar que as intenções dos ocupantes se não traduziriam por medidas draconianas e contrárias ao espírito da população. Apenas um oficial, o general Ruge, comandante-chefe das forças norueguesas durante a luta, foi levado para a Alemanha e considerado prisioneiro de guerra dos alemães.

Mas os soldados noruegueses que haviam saído duma luta, em que tinham sido vencidos pela superioridade material do adversário, sentiam naturalmente toda a amargura da sua derrota e, para eles, apesar de terem regressado às suas ocupações, não deixava de constituir um motivo de surpresa a relativa facilidade com que a população civil aceitava a realidade da ocupação, e parecia mesmo decidida, pelo menos em algumas das suas camadas, a aceitar os factos consumados e a fazer deles o ponto de partida da sua vida no presente e no futuro. Este contraste era tanto mais curioso quanto é certo que haviam sido precisamente os militares que haviam recebido do vencedor um tratamento melhor. Não tardou, porém, muito que ele se transformasse numa unanimidade de opiniões que refej rapidamente a unidade nacional na Noruega, e criou por toda a parte um espírito de resistência indomável cujas consequências as autoridades de ocupação mais tarde sentiram.

AS DIFICULDADES DA OCUPAÇÃO

A Convenção de Haia de Outubro de 1907 previa e regulava os termos em que devia decorrer a ocupação de qualquer país por uma potência estrangeira em caso de guerra. Mas não serão, por sua natureza, antinómicas as duas expressões, ocupação e legalidade? A ocupação é um produto da guerra, e esta só conhece a regra suprema da salvação nacional, à qual todos os outros princípios se subordinam. Assim, as relações entre os ocupantes e o povo do país ocupado foram, em todos os tempos, de molde a criar entre uns e outro uma animosidade que geralmente leva depois séculos a desvanecer.

E essa, certamente, uma das razões, senão a razão principal, que levou certos países a não praticarem a ocupação de nações estrangeiras,

mesmo quando as suas necessidades tornam essa ocupação indispensável, por saberem que dela resulta, inevitavelmente, um sentimento de animosidade profunda que só o tempo prolongado consegue dissipar. Os rigores da ocupação, em geral, só diminuem quando a potência ocupante vê aproximar-se a sua vitória. Mas, nesta guerra, o Reich viu, desde a primeira hora, essa vitória duramente contestada pelos seus adversários, dentro e fora do continente europeu.

Em Maio e Junho de 1940, porém, ainda se falava da Convenção de Haia e das suas disposições, como se realmente se tratasse de textos válidos e aplicáveis num conflito em que estavam em jogo os interesses supremos das grandes potências envolvidas no conflito. A Alemanha e a Noruega tinham sido dois países signatários daquele documento e entre os noruegueses chegou a criar-se a convicção de que bastaria invocá-lo para que os seus efeitos se fizessem sentir imediatamente. A desilusão, uma desilusão cruel, não tardou a surgir como epilogo de tão generosas aspirações.

Os artigos 43.º e 46.º da referida Convenção estabelecem que, quando o poder de facto tenha passado para as autoridades de ocupação, estas devem tomar rapidamente todas as medidas a fim de restabelecer e assegurar a ordem e a tranquilidade no país ocupado, respeitando-lhes, salvo impedimento absoluto, as leis e os costumes. Mas é possível conciliar estas idéias com a noção de guerra e com as exigências que esta impõe a primeira das quais é para cada povo a de vencer e vencer depressa?

A VIDA PÚBLICA NORUEGUESA

A vida pública na Noruega é regulada pela Constituição de Maio de 1814, documento fundamental e carta de independência de todos os cidadãos da Noruega. O princípio que regula todos os actos da vida norueguesa é o da absoluta separação de poderes, o executivo, o legislativo e o judicial. O primeiro, constituído pelo rei e pelo governo, encarrega-se de aplicar as leis do Parlamento, ou «Storting», a autoridade judicial é exercida pelo Supremo Tribunal de Justiça, que goza de uma independência absoluta. Antes de aplicar as leis que lhe dizem respeito e aos restantes tribunais, o Supremo Tribunal tem o direito de verificar o seu fundamento e a sua constitucionalidade.

A lei não pode, em circunstância nenhuma, ter efeito retroactivo, ninguém pode ser julgado a não ser nos termos da lei escrita, e nenhuma lei pode ser aplicada a não ser por meio de julgamento realizado pelos tribunais competentes criados para esse fim.

Quando é necessário, o que raramente acontece, introduzir quaisquer modificações na Constituição do país, aconselhadas pelas circunstâncias ou pela experiência, essas modificações propostas numa legislação só podem ser discutidas e aprovadas na legislatura seguinte. Mas aprovar qualquer alteração aos textos constitucionais é, pelo menos, necessária uma maioria de dois terços dos membros do «Storting» em exercício, não sendo nunca permitido alterar os princípios fundamentais do texto constitucional.

Estas indicações sumárias bastam para indicar até que ponto a vida cívica na Noruega atingiu um grau de desenvolvimento elevado e como a vida cívica naquele país é um dos aspectos mais salientes e impressionantes da própria vida nacional. Os princípios fundamentais que a norteavam, à data em que a ocupação se iniciou, não eram, de maneira nenhuma, compatíveis com as exigências e os rigores dessa mesma ocupação. Os noruegueses sentiram imediatamente esta realidade dramática que não tardou a traduzir-se por uma desilusão profunda e, em consequência disso, pela organização rápida de um poderoso movimento de resistência nacional contra os ocupantes e tudo aquilo que simbolizavam.

(Continua)



Terboven, comissário do Reich junto do governo norueguês, falando ao povo vencido.



As tropas vencedoras vão tomar o lugar dos vencidos, desarmados pelo Reich.



O homem do mar norueguês, da marinha mercante ou de guerra, é bom marinheiro e sabe caçar minas.



Antes da guerra, Oslo era uma cidade de gente pacífica, honesta e trabalhadora. Os seus mercados lembravam as feiras portuguesas.



O turismo, na Noruega, estava muito desenvolvido. Eis o hotel Grotli, em Skriduloupen.



S' Rosa de Santa Luzia,

UMA MULHER DO POVO, FIGURA TÍPICA DO MINHO RURAL

O correio trouxe-me má nova inesperada. Inesperada não digo a bem, talvez. Presumia que a excelente criatura, porque a fractura duma côxa a reduziu à lamentável condição de entredada, não teria vida para muito tempo. Nada, porém, me fazia prever que a pobre criatura agrihoadada pela invalidez ao seu catre de pinho, estivesse prestes a abalar d'este para o outro mundo. A verdade, porém, é que abalou.

«Está, dentro de uma hora, a tocar o sino pela sr.ª Rosa de Santa Luzia, que se foi desta vida». Assim começava, com seu ressaibo de pesar, a comunicação postal que me deu conta do lutooso acontecimento. «Matou-a uma hemorragia cerebral, diz o certificado de óbito, mas não creio». Isto acrescentava áquilo o meu informador, o farmacêutico José Narciso da Fonseca Oliveira, figura que, como a da simpática velha, se insere no quadro das minhas mais saudosas e caras recordações de Monsul, a aldeia pinturesca e remansosa que, em Agosto e Setembro de 1940, me teve por temporário e delicioso habitante. Aquellas palavras daquelle meu amigo outrás se seguem, em comentário significativo e oportuno. Segundo éle, sa fome, o desgosto, a tortura de se ver presa, somando-se à inevitável venda dos seus campos e da sua bouça, modestos bens que, como exemplar energia, defendera, durante a vida inteira, dos assaltos da usura e das malhas da justiça, constituíram, mais do que a doença resultante do desastre, a causa da morte dela. Agora, no cemitériozinho de Monsul, que as débeis brisas mal aforam, o corpo mirrado da boa velha, em contacto extremo com a terra úbera que tanto o fez vibrar de paixão, começa, por certo, a dissolver-se, devorado, consumido, desfeito por essa mesma terra que ela, mulher do campo, do campo e para o campo vivendo, considerava — je quem, com razão, lhe impugnará o aserto? — a maior e melhor riqueza que Deus legou aos homens — e às mulheres.

Rosa Maria da Silva, de uma morte arrebatou ao cardenho de Santa Luzia com setenta e sete anos de idade, não era mulher vulgar. De muitas mulheres do povo — e, em particular, do povo rústico — que tenho tido o ensejo de conhecer, nenhuma superava, em personalidade, rica de sugestão e interesse aquela que converti numa das principais personagens femininas, senão na principal personagem feminina do meu romance «Gentio branco», tomando-a para modelo — no tipo, no carácter e no habitad, que não, evidentemente, nos actos praticados ao longo da existência real — da figura romanesca e fictícia da Rita Porca, símbolo, ao menos para mim, da mulher rústica do Minho no zéio ardente da honra filial, no amoroso amanho das leiras cultivadas, no apêgo à terra-mãe que dá o pão e o vinho, as tábuas do berço e do caixão, o suor e a dor que redimem, a alegria que aligeira e conforta a vida — e a paz do túmulo, por fim. Camponesa, na mais perfeita acção da palavra, a sr.ª Rosinha vivia — pode dizer-se — para o culto do campo. Muitas vezes — e nisso consistia um dos meus hábitos e prazeres dilectos, — fui surpreender a minha velha amiga, no esforço abastado das suas corceiras. Com que ternura ella empunhava a enxada! As suas mãos engheladas e nodosas de septuagénaria, como que agafavam o cabo encardido da alfaia agrícola. No seu cordão de ouro, reliquia de família que hibernava, longos meses, na arca doméstica, não perjava ella com mais frequência. Dir-se-ia que intensa comoção religiosa se apossava dela, quando o seu corpo meão, sugado pelas canseiras da vida, se vergava para a terra, na faina campestre — que implicava, para ella, uma espécie de sagrado rito. Às vezes, ouvia-a conversar com a terra — e eram demorados colloquios com os torrões de humo que a fôlha luzente da enxada esbagoava, com as esvagens que mondava, com o mato que roçava, com as videiras que podava, com tudo quanto, árvore ou pedra, água ou bicho, lhe passava pela mão, por essa mão honrada de lavradeira minhota que, à força de lidar com a terra, da terra ganhara a côr e com a terra quasi se confundia.

Vigorosa e soítda, apesar da pequenez, da insignificância da figura física, a velha Rosa de Santa Luzia distinguia-se, também, pela dureza da linguagem, significativa de exaltação de ânimo, sempre que os acontecimentos, pequenos ou grandes, da sua vida inçada, de dificuldades não lhe corriam de feição. Talvez por essas amostras de repen-

tina, que se ouviam muito além dos limites do lugar de Santa Luzia, criara a excelente criatura a fama de valentona. De Maria da Fonte a apodavam alguns dos seus patrios, comparando-a, ao menos na vivacidade da mimica, no fulgor das expressões, nas suas características atitudes orais, à heroína da Póvoa de Lanhoso, cujos pretensos filhos (se foi Joana Maria Esteves a famigerada propulsora da revolta popular de 1846) visitei no lugar do Pereiro, na freguesia de Vesim, limítrofe da de Monsul, ao tempo em que es-

tancei nesta encantadora freguesia do concheiro da Póvoa de Lanhoso. Sim, brava e expedita como a quasi sua gloriosa conterrânea (ambas nasceram naquele concheiro) era ella, disse não neste d'vida. Para mais, até porque aproveitada foi para modelo de heroína de romance, a popularidade da Rosa Maria da Silva, se não teve, nem de longe, a projecção da da Maria da Fonte, verdadeiramente nacional, foi, todavia, digna de especial menção. A Quica, filha única, herdeira unica do casti-

lho fruste em cujo eido se nutriram duas doiras de estampa, sorrilhe, amilde, os acessos de cóiera, quantas vezes — sabe Deus — justificadas pelo procedimento da cachopa, só comparável à mãe na robustez do corpo «Quem dá o pão dá o castigo, sinhor!» — afirmava-me a velha, quando eu lhe exprobava o trato dado à nova.

Nunca mais erguera a destra ossuda, no feito cominatório de apostofar ou de zurzir. A sua voz de timbre forte e metálico, desafinado, às vezes, se a ira lhe tocava o auge, não voltará a bramir contra o garotito irreverente e matreiro que lhe aproveitava as ausências e distrações para assaltar as figueiras e furtar os saborosos frutos lampos; não voltará a chamar pela criação transviada no deique de grãos e bichos minúsculos espalhados por entre as carvalheiras do adro; não voltará a entreter o ouvido dos vizinhos, dos conhecidos, dos estranhos, de tutti quanti, com a descrição minuciosa da interminável demanda em que, por causa dos seus queridos plantos e bouças, consumiu grande parte da paciência e dos haveres. Nunca mais a sua figura nobre e magnífica de écloga ou geórgica, em que, às Trindade, dir-se-lia palpitar o sópro divino que anima as figuras do quadro célebre de Millet, se curvará para a terra, na attitude quasi orante de a amanhar. Nunca mais a feira da Póvoa de Lanhoso, à quinta-feira, lhe verá o cabazinho de ovos, ou feijões, ou figos, ou batatas. Nunca mais as galinhas acorrerão, ávidamente, ao chamado daquela voz que tinha, nas próprias tonalidades de comando ou alho, uma recôndita docura, uma comunicativa affectuosidade. Nunca mais.

Agora, Santa Luzia rever-se-á, mais isolada e mais triste, na alvorada da sua capela ensonbrada pelas carvalheiras, à noite, cortam, a intermitências, com seu pio agorilheiro, há-de parecer mais pesada. Com os berros dela, que, às vezes, se transformavam em risos vibrantes e sídios, extinguiu-se o que havia ainda de vida nesse sitio que parece ter sido criado, propostadamente, para cenário de novela. Com essa ancã de setenta e sete anos, encarnação do próprio Minho humano, com todos os seus defeitos e virtudes, não foi, apenas, uma figura popular, uma cativante figura de mulher que desapareceu; foi, também, uma personificação do drama da gente rústica da provincia que se desvaneceu, se abismou na calma virgilliana do cemitériozinho da aldeia minhota. ¡Pobre velhina! Agora, que os seus olhos mídidos e coruscantes se fecharam e apagaram para sempre, a minha saúde val ter com ella, com a sua memória simpática, com o seu casebre enludado e tristonho, com aquêlo ambiente propício ao devanelo e à paz, sobretudo, com aquêlo terra que vejo a modular-lhe a figura sofredora, expressivamente humana e duma altura de alma que só almas simples como a dela logoram alcançar. Santa velhina — não... As imperfeições da frágil argila humana privavam-na daquelle halo de santidade com que vemos, em espírito, certas figuras de mulher que a idade tornou especialmente venerandas e queridas. Pobre velhina — sim. Comovidamente, porque ella, recordada por mim, é quasi uma figura que me pertence e de que me orgulho, aceno de longe, para tudo quanto a envolveu em vida, com a mão trémula, com o lenço umedeado... Nunca mais a vi. Nunca mais a verei. Mas a sua figura de mulher do povo, de mulher de aldeia, de mulher do Minho, batida por claridade forte envolvida em sereno esplendor, não se me apagará do cérebro — nem do coração.

HUGO ROCHA



O sr. dr. Antonio Luis Gomes, provedor da Misericórdia do Porto, foi, há dias, alvo de expressiva homenagem, prestada por elementos de Lisboa, Coimbra e daquelle cidade, tendo-lhe sido entregue uma mensagem assinada por centenas de admiradores da sua obra. A cerimónia efectuou-se no gabinete do sr. dr. Antonio Luis Gomes, na Misericórdia, tendo o homenagem agradecido a homenagem e as palavras do sr. dr. Santana Dionisio. A cerimónia assistiram os Drs. Santos Silva, Vasconcelos e Sá, Claro da Fonseca, Pereira de Campos e Crispim Rocha.

UMA BENEMÉRITA

Ofereceu 30 contos para a construção do edificio escolar na sua aldeia beiroa

AINDA há quem se interesse pelo bem-estar e cultura dos outros, quando tudo aconselharia a que o não fizessem: o egoísmo da época, o bem-estar de que a fortuna os rodeou, o desejo de que os não incomodem. Felizmente, porém, a vida revestese às vezes de um novo encanto e de um desejo enorme de sermos bons, de

sermos iguais a essa senhora da freguesia das Antas que, do seu bolso, e talvez para remover dificuldades que nunca mais teriam fim, resolveu oferecer 30 contos para a construção de uma escola na sua freguesia: Essa é a senhora D. Maria Costa Carvalho, uma rica proprietária em terras da Beira Alta e da Beira Baixa que, por sua vontade, mandou depositar na tesouraria da Fazenda Pública, em Penedono, aquêlo importante quantia. O entusiasmo que o seu gesto motivou não precisa de ser descrito. Toda a população das Antas rejubilou e prometeu o seu auxilio — pois não é com trinta contos que se fará uma escola. E porque quem mais não tem mais não dá — a gente boa das Antas prontificou-se a trabalhar quanto possa, de graça, para dar à sua aldeia um instrumento de cultura dos seus filhos. Agora — dizem-nos pessoas amigas de D. Maria Costa Carvalho, que reside em Riba-Longa — falta só que o Estado autorize a sua participação. Logo que essa participação seja autorizada, as obras iniciar-se-ão entusiasticamente — um entusiasmo em que não faltarão foguetes e vinho oferecido aos presentes, como manda o ritual da provincia de Viseu e das terras do Dão...



A ironia do director Ventura



— Desculpe-me, sr. director, mas se V. Ez. não me publicar este artigo na sua revista morro de fome!...



— Bem... trata-se então dum artigo de primeira necessidade?!...

O LIVRO DO MOMENTO

A PRIMEIRA ALIANÇA PORTUGUESA

Resumo histórico da aliança entre Portugal e a Inglaterra
Por RAFAEL MARÇAL

A venda em todas as livrarias
Uma magnífica edição
de «VIDA MUNDIAL»

COMPRENSÃO...

Um general americano, muito conhecido, foi convidado a fazer uma conferência num clube sueco. O conferencista falou largamente de assuntos interessantíssimos: sobre os fins da guerra, sobre a necessidade de que as nações beligerantes permanecessem estreitamente unidas, num esforço comum, etc., etc.

Escutado com uma atenção toda respeitosa, ficou, entretanto, muito desapontado, porque, no fim da conferência ninguém o aplaudiu. Seguiu-se, então, um orador sueco que, logo a partir das primeiras palavras, passou a ser vivamente aplaudido.

No fim da conferência, a assistência ergueu-se em pé e aclamou o orador. O general, muito cortêsmente, aplaudiu também, associando-se à manifestação geral. E, inclinándose para a pessoa que se encon-

trava a seu lado, perguntou qual era o assunto que tinha sido tratado pelo orador sueco, para ser tão vivamente aplaudido.

— Mas, meu general, estava apenas a repetir o seu discurso em língua sueca!

UM BRAVO

Na Nova Guiné, um oficial de aviação que acabara de realizar um «raid» prestava todas as informações ao seu comandante, que a certa altura perguntou:

— Sentiu-se emocionado, durante o ataque?

— Isso sim! Sentia-me frio como um bloco de gelo!

— Bom, bom, fulguel que estivesse um pouco... nervoso, principalmente quando comunicou por um rádio que 27 mil bombardeiros inimigos corriam em sua perseguição...

A GRAÇA ILUSTRADA

A PROPÓSITO...



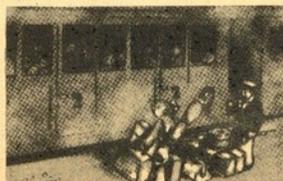
ELA — Meu amor, não te esqueças de fazer a barba! Ah! a propósito, não te esqueças de regar os cactus!

NEM AGORA?



— Ora vamos lá a ver, menino, não és capaz de renunciar, ao menos por um quarto de hora, ao posto de capitão do navio?

SÓ ISTO...



— Não se arranja um lugarzinho?

EXPLICAÇÃO



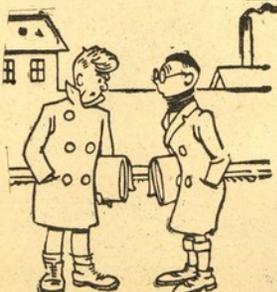
— «Garçons, onde está o esparregado que devia acompanhar o escalope de vitela?»
— O boi comeu as couves quando ia para o matadouro...

ONDE FOI PARAR?



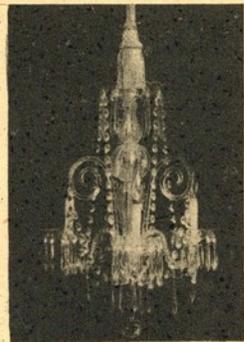
— E eu ralado à procura do pincel da barba!

RECOMENDAÇÃO



— Vamos a ver se hoje acertas os problemas. Ontem apanhei um zero por estarem errados!

Os luxúrios para as decorações do bom gosto



Apliques, castiçais e candeeiros de mesa

J. R. de Brito

FABRICANTE

Rua Luiza Todi, 2

(à Rua de D. Pedro V)

Telef. 2 0497 LISBOA

A BOLSA DO LIVRO

Praça de D. João da Câmara, 44.º

LISBOA TEL. 2 8470

compra, vende troca,

empréstimo e leilão

livros em todo o país.

Informações bio-bibliográficas, etc.

Única organização

no seu género



A nova fórmula de «FIXINA», criada em 1944, fixa, dá brilho e não seca. Exija «FIXINA».

1944. Botoão maior, 15800
Botoão menor, 10800

Vende-se nas boas drograrias, barbearias e outros estabelecimentos. Laboratórios Rudl — Rua S.º Ildefonso, 29, Fátima — Representantes em Lisboa: Agência Comercial F. V. F. Ltd. — Rua dos Panqueiros, 135-3.º, Dt. — Telef. 4 8582.



Conchita Cintron

(Continuação da pág. 5.)

Calcule V. que esta minha filha, aos catorze anos, acalentava o projecto de professor.

E Nita Morata prossegue o seu testemunho:

— «Conchita desde então — 1935 — até hoje — 1944 — seguiu sem hesitações a sua profissão, percorrendo as praças de Portugal e França e quasi todas as da América Latina.

«Em números redondos já ganhou qualquer coisa como 200.000 dólares, e além disso possui, no Perú, «fincas», uma ganaderia e nada menos do que doze cavalos, magnificamente adestrados para a lide.

«Além de ser uma excelente toureira, é apreciada cantora, com uma lindíssima voz de meio-soprano. E como vedeta de cinema revelou-se numa película feita no México, que lhe valeu tentadoras propostas de Hollywood.

«Além de ser uma excelente toureira, é apreciada cantora, com uma lindíssima voz de meio-soprano. E como vedeta de cinema revelou-se numa película feita no México, que lhe valeu tentadoras propostas de Hollywood.

«Além de ser uma excelente toureira, é apreciada cantora, com uma lindíssima voz de meio-soprano. E como vedeta de cinema revelou-se numa película feita no México, que lhe valeu tentadoras propostas de Hollywood.

«Além de ser uma excelente toureira, é apreciada cantora, com uma lindíssima voz de meio-soprano. E como vedeta de cinema revelou-se numa película feita no México, que lhe valeu tentadoras propostas de Hollywood.

«Além de ser uma excelente toureira, é apreciada cantora, com uma lindíssima voz de meio-soprano. E como vedeta de cinema revelou-se numa película feita no México, que lhe valeu tentadoras propostas de Hollywood.

Até aqui, a prosa da revista nova-yorkina «Cine-Mundial», de Agosto de 1944. Conchita Cintron está de novo entre nós, e pode considerar-se hoje um dos ídolos dos nossos redondeis, depois de ter conquistado fama e glória nos dois continentes. Tu quanto julgamos sobre a respeito dos seus projectos futuros é que se prepara para cumprir em Espanha vantajosos contratos, aguardando apenas que sejam removidos os obstáculos que até agora impediam uma mulher de tourear, a pé, nas praças do país vizinho.

Transcrevendo o artigo de «Cine-Mundial», prestamos homenagem à Mulher e à Artista, à artista que para se impor numa arte que parecia reservada apenas para os homens, não teve que abdicar da sua graça, do seu prestígio, da sua dignidade de senhora e de mulher.

Um "récord" de

Sortes Grandes

(Continuação da pág. 4.)

números da minha predilecção, que influíram na escolha de alguns: 9, 13 e 18. E para que, veja: 3339 e dá 18 (nove nada); 1422 e 1413 dão nove; 1255, que repetiu daí a pouco tempo, e 4324, somam 13, e muitos outros. Só houve um que me foi empurrado — o 6002.

— Mas devia ter sofrido também algumas desilusões?

— Evidentemente. Mas só duma vez é que fiquei muito aborrecido. Em certa tabacaria apareceu um dia um bilhete com o n.º 7481, de que me foram oferecidos oito vigésimos. Quando lá para comprá-los lembrei-me de que esse número já tinha sido premiado em Maio de 1927. O dia tinha sido para mim bastante azulado. Resolvi, então, não comprá-los, regeitando assim a sorte grande, nada menos que 160 contos. Mas antes disso que outra coisa pior.

— E espera ainda apanhar mais alguma «taluda»?

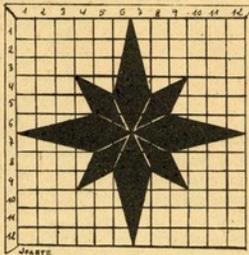
— E porque não? Pois se nunca deixo de jogar e «léis» andam todos lá dentro. Pelo menos quero ver se faço a conta dos... treze.

O caso realmente dá que pensar e levamos a formular esta pergunta a nós próprios: Existirá em certas pessoas um secreto poder divinatório?

PALAVRAS CRUZADAS

PROBLEMA N.º 46

Por José Duarte
(Lisboa)



ENUNCIADO

HORIZONTAIS: 1 — Campo cultivado; cidade francesa. 2 — Equipas; ingrato. 3 — Pano branco de lã; raspam. 4 — Reboque (inv.); poesia (inv.). 5 — Caminho; pron. possessivo. 8 — Membro de ave; batráquio (pl.). 9 — Chiste; governanta. 10 — Iguais; mata de ameios. 11 — Louvara (ant.); cadência. 12 — Partes rijas do corpo; cantigas.

VERTICAIS: 1 — Desocupar; albergio. 2 — Enganouse; sardo (pl.). 3 — Faz uma coisa à semelhança de outra; sentimento (pl.). 4 — Fluido aeriforme; arco. 5 — Ponha asas; curadas. 8 — Semelhante; liga. 9 — Lavra; maior. 19 — Gradeles com ripas; cintilal. 11 — Os anos que se contam; namorada. 12 — Achou a soma; casas.

PROBLEMA N.º 45

Solução

HORIZONTAIS: 1 — Tarar; lavar. 2 — Ala; emitido. 3 — Pi; amado; os. 4 — I; placa; ora. 5 — Rara; a; aras. 6 — Capacitar. 7 — Lata; a; Ovar. 8 — Elo; arara; i. 9 — Re; brisa; as. 10 — Alferias; asso. 11 — Sorum; ouros.

VERTICAIS: 1 — Tapir; leras. 2 — Ali; calefo. 3 — Ra; prato; er. 4 — A; alana; bru. 5 — Rema; a; arim. 6 — Macacaria. 7 — Lida; i; asso. 8 — Ato; ator; ir. 9 — Vi; orava; ar. 10 — Adorara; asso. 11 — Rosas; risos.

DAMAS

(Secção espanhola)

Orientador: Dr. Carlos R. Lafora
(Espanha)

1.º Concurso Internacional de Problematistas de «Damas»

2.º Concurso da Casa Conhaque «Terry»

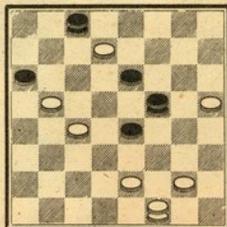
COMPOSIÇÃO N.º 14

(Final artístico)

«La Provincia», 21-9-44 — Las Palmas
(Espanha)

Lema: «Damófilo III»

Pretas: 2 «damas» e 3 «pedras»



Branças: 1 «dama» e 6 «pedras»

As brancas jogam e ganham.

PASSATEMPO

CLASSIFICAÇÃO DOS SOLUCIONISTAS DO C. I. P. DE «DAMAS»

(Soluções recebidas até ao dia 20-8-44)

Manuel Delgado (Tenerife)	24 pontos	15-19	15.º	31-28
Luis Bueno (Sevilha)	24 »	18-22	16.º	28-19
J. Brú (Valência)	25 »	17-21	17.º	30-26
Carlos Pereira (Lisboa)	24 »	21-30	18.º	27-23
Atelmar (Lisboa)	23 »	30-20	19.º	24-15
F. Almeida (Almeirim)	24 »	6-11	20.º	15-6
F. Henriques (Almeirim)	24 »	3-17	21.º	18-14
A. Fulgêncio (Almeirim)	24 »	17-21	22.º	

(J) Se

15-20	14.º	27-23
15-20	14.º	24-15
6-10	15.º	13-6
2-7	16.º	30-23
4-7	17.º	31-27
7-11	18.º	27-22
11-15	19.º	

(I) Se

14-19	14.º	27-22
6-11	15.º	30-27
15-20	16.º	31-28
3-8	16.º	13-9
4-7	17.º	27-23 (m)
11-14	18.º	22-18
7-11	19.º	

FEDERAÇÃO «DAMISTA» CANARIA

A Direcção desta Federação concordou aprovar a organização do 1.º «match» internacional de «damas» por correspondência (portugueses contra espanhóis), que é organizado por «La Provincia» em colaboração com um periódico de Lisboa, e conceder para ele quatro ou seis diplomas ou medalhas comemorativas aos vencedores da prova.

NOVAS IDEIAS SOBRE O PROBLEMA DE «DAMAS»

Pelo Dr. Carlos R. Lafora

(Continuação)

Com efeito, umas e outras são composições artísticas que têm por finalidade apresentar uma combinação engenhosa e precisa, para resolver uma posição definida da partida.

Fica com esta definição identificado o Final com o Problema em origem e em essência, como derivados duma mesma mãe, a Partida, e como produto da arte com mancomunidade de objectivo. Em que se diferenciam, pois, estas duas ramas da poesia xadrezista? Fundamentalmente, numa só coisa, porque, nos problemas, se realiza o objectivo em um número previamente determinado de jogadas, e nos finais o número destas não se determina previamente.

Noutras palavras: O Problema é sempre condicional. O Final é sempre absoluto. «Jogam as brancas e dão mate em 4 jogadas», diz-se, por exemplo, num enunciado dum problema; prescinde-se na composição de que as brancas possam realizar o mesmo objectivo em 5, 6 ou mais jogadas, por meio de outras combinações, há que realizá-lo em 4, como máximo.

«Jogam as brancas e ganham», enuncia-se num final. Não importa em que número de jogadas, por que sobre o tabuleiro há uma posição tal, que só é possível uma única combinação para ganhar.

(Continua no próximo número)

(Secção portuguesa)

(Estudo de uma variante inédita na abertura 10-14)

Por Francisco A. Henriques

(Almeirim)

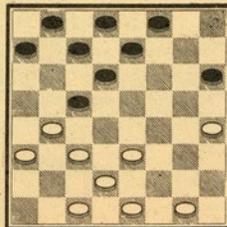
(Continuação)

15-22	13.º	26-19
17-26	14.º	28-22
3-7	15.º	30-26
11-14	16.º	18-11
7-14	17.º	24-20
9-13	18.º	

ganham.

A 9.ª jogada, cuja posição se expõe no diagrama seguinte, não avançam as pretas com 27-23, mas sim com 28-21:

DIAGRAMA N.º 2



13-17	9.º	26-21
10-14	10.º	29-26 (p, q)
9-18	11.º	18-13 (m)
9-18	12.º	22-13
11-15	13.º	21-18 (j, l)
14-21	14.º	25-18

(m) Se

15-20	18.º	22-18
11-20	19.º	

(n) Se

6-10	12.º	27-23
10-13	13.º	31-27 (o)
3-7	14.º	24-20
11-20	15.º	20-15
7-14	16.º	15-11
20-24	17.º	22-19
24-28	18.º	10-5
28-32	19.º	

(o) Se

10-13	13.º	30-27
2-6	14.º	31-28

(p) Se

17-26	11.º	18-13
10-26	12.º	30-21

(q) Se

10-14	11.º	30-26
3-7	12.º	27-23 (s)
6-10	13.º	22-19 (r)
7-12	14.º	31-28
4-8	15.º	28-24
12-15	16.º	19-12
8-15	17.º	

(r) Se

11-15	13.º	31-27
7-14	14.º	18-11

(s) Se

9-18	12.º	18-13
14-19	13.º	22-13
19-23	14.º	21-18 (t)
16-23	15	27-20

(t) Se

18-20	14.º	31-28
11-20	15.º	24-15

A mesma jogada 9.ª (diagrama n.º 2) não opõem as pretas 27-23 nem 26-21, mas sim

13-22	10.º	22-19
		27-18

(Continua no próximo número)

CORRESPONDENCIA

Filipe Altstön Reys Teles Moniz
Córte Real (Vila Teixeira da Silva — Bailundo — Angola) — Chegaram bem? Muitas saudades de todos. Até esta data tudo com saúde. Escrevam. Um grande abraço do amigo certo, Não se esqueçam dos problemas propostos.

DIRIGIDO POR AUGUSTO TEIXEIRA MARQUES

Toda a correspondência deve ser enviada para a Rua Marquês Sá da Bandeira, 108, 3.º LISBOA

UM MARIDO IDEAL

Conto de ANDRÉ MAUROIS

Ilustração de PIERRETTE

DANIEL olhou sua esposa com surpresa. Com efeito, era raro que ela o fôsse ver pela manhã.

— Tens alguma coisa para me dizer? — perguntou-lhe.

— Daniel... queres ser muito simpático comigo? Acompanha-me esta noite ao concerto... Rubinstein vai tocar «Prelúdios», de Chopin, e ficava tão contente se pudesse ouvi-lo a teu lado... Vai para três meses que nem uma só vez saístes comigo à noite...

— Precisamente — atalhou Daniel com um ar desgostoso — vai para três meses que não convidas para sair contigo à noite...

— Nunca mais te convidei porque os teus «nãos» começaram a fazer-me mal... Resolvi, por isso, firmemente, não voltar a oferecer-te a minha companhia, enquanto tu próprio não viesses ter comigo para sair contigo.

Daniel teve um gesto como quem ia a dizer: «Bom, mas afinal...».

Porém, sua esposa não o deixou falar:

— Pois é, mas hoje a Ana, para quem tinha comprado um bilhete, telefonou-me esta manhã a dizer que não podia ir, porque se encontrava indisposta. Há duas horas que tento encontrar alguém que a substitua... porque, confesso-te, parece-me ridícula e triste a perspectiva de passar a noite com uma cadeira vazia...

— Convida um amigo qualquer — disse Daniel, num ar desinteressado.

— Bem sabes que jurei nunca sair com um homem que não fôsses tu...

— Ai, quantos juramentos, votos e resoluções! — suspirou Daniel.

Depois, reflectiu um momneto e logo acrescentou:

— Ouve cá, eu queria fazer-te a vontade mas já tenho outros compromissos para esta noite. Vou procurar desligar-me dêles, mas olha que não te prometo nada... Se conseguirmos desembaraçar-me, acompanhar-te-ei de muito boa vontade.

— Es tão simpático, Daniel! — disse ela, beijando-o alegremente.

— Bom, bom, já te disse que não prometo nada! — observou Daniel com o mesmo ar de desgosto. — Eu só disse que ia tentar...

A mulher de Daniel retirou-se e ele passou ao gabinete, levantou o auscultador e marcou o número GOB 43-14. Era o telefone de Beatriz de Saulges, aquela a quem andava a fazer a corte havia umas poucas de semanas, e de quem se dizia apaixonado, com toda a força de que era capaz a sua torpe paixão de homem já maduro.

— E você? — disse Daniel em voz baixa — Diga-me cá: Fica entendido que nos encontraremos esta noite? Sim? Bom, espero que não vá faltar, como fez o outro dia!...

Do outro lado do fio, Daniel ouviu-lhe a voz:

— Oh! que ar solene o seu! E, para mais, que pouco habilidoso é, meu amigo. Você sabe muito bem que nada me diverte, se não for o improvisto. Não gosto de combinar. Prefiro o improvisto... Por que há-de, então, querer dar-me cabo das minhas alegrias?

— Desculpe, minha amiga, mas bem sabe que, pelo contrário, tenho sempre respeitado os seus caprichos. Sim, você bem sabe que

é assim, desde o dia em que tive o prazer de lhe ser apresentado... Mas esta noite preciso, excepcionalmente, de saber com o que hei-de contar, porque eu próprio tenho que dizer «sim» ou «não» a outra pessoa...

— Você é terrivelmente insuportável! — voltou Beatriz a dizer. — Mas é que também não posso ainda dizer-lhe nada... Oiça: telefone outra vez, daqui a uma hora... Vou

pensar e farei todo o possível para poder então dizer-lhe qualquer coisa de definitivo.

A hora do almoço, a mulher de Daniel perguntou se já tinha alguma resposta e se podia contar com ele para o concerto. Daniel, muito aborrecido, disse que não sabia nada, porque ainda não tinha tido tempo para telefonar.

A essa mesma hora, Beatriz de Saulges chamava pelo telefone Pedro Pradier, jovem deputado que havia encontrado em Genebra e a quem ela julgava amar.

— E você, Pradier? Ah! não?... E Mademoiselle Dronert?... Gostava de falar com o sr. Pradier... Ah! não, se ele não quere que o incomodem, faça favor de o não chamar... Não, não, compreendo perfeitamente... Demais e mais, eu já sei que ele ficaria aborrecido. Só queria saber se virá esta noite buscar-me para irmos... Ah! sim, está na sua agenda? Tem a certeza de que não vai fazer como da outra vez, que mudou de idéia? Claro, claro, Mademoiselle não sabe... mas, enfim, até agora não sabe de nada... Bom, bom, muito obrigado Mademoiselle e até breve...

Quando, um pouco mais tarde, Daniel voltou a ligar o telefone para casa de Beatriz Saulges, a criada veio dizer que a senhora tinha muita pena mas que não estaria livre nessa noite para o acompanhar, porque tinha de assistir a uma pequena festa em família. Então, Daniel foi para casa e procurou a esposa, certo de que ainda não tinha saído. Encontrou-a muito sossegada, estendida num sofá a ler. Daniel chegou-se para ela e acariciou-a:

— Minha vida, estou satisfeitíssimo porque finalmente, consegui desligar-me do compromisso que tinha para esta noite. Dêste-me-lo, poderei, como tanto queria, acompanhar-te ao concerto de Rubinstein...

— Que maridinho gentil! — gritou a esposa, pondo-se rapidamente de pé, pronta para o concerto. — Estou encantada, querido!

— Não estou menos do que tu, querida!

* * *

Quando Daniel se retirou para ir fazer a «toilette», sua mulher ficou ainda por largo tempo ali espedada, a pensar no que tinha acontecido. Afinal, tinha que se censurar a si própria, por ter julgado tão mal o seu marido!



VIDA MUNDIAL ILUSTRADA

DIRECTOR: JOSÉ CANDIDO GODINHO

EDITOR: JOAQUIM PEDROSA MARTINS

PROPRIEDADE DE VIDA MUNDIAL EDITORA, LIMITADA
REDAÇÃO E ADMINISTR.: RUA DA EMENDA, 69, 2.º - LISBOA — TEL. P.B.X. 2 5844

Composição e impressão: Oficinas Bertrand (Irmãos), L.ª — Trav. Condessa do Rio, 27